

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

ISABELA FERREIRA JORGE

MARITACA – Jornal Infantil:
uma experiência de jornalismo colaborativo e local

Mariana

2025

ISABELA FERREIRA JORGE

**MARITACA – Jornal Infantil:
uma experiência de jornalismo colaborativo e local**

Memorial descritivo do produto apresentado
como Trabalho de conclusão do curso de
Jornalismo da Universidade Federal de Ouro
Preto, como pré-requisito para obtenção de
grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª. Dra. Karina Gomes
Barbosa

Mariana
2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

J82m Jorge, Isabela Ferreira.
MARITACA - Jornal Infantil [manuscrito]: uma experiência de jornalismo
colaborativo e local. / Isabela Ferreira Jorge. - 2024.
79 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Jornalismo - Aspectos sociais. 2. Jornalismo cidadão. 3. Jornalismo
educativo. 4. Educação midiática. I. Barbosa, Karina Gomes. II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070.11

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário CRB6 1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabela Ferreira Jorge

**Maritaca - Jornal Infantil:
uma experiência de jornalismo colaborativo e local**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 11 de dezembro de 2025.

Integrantes da banca

Dra. Karina Gomes Barbosa - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dra. Hila Rodrigues (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dra. Ludmila de Barros Camilloto (Universidade Federal de Ouro Preto)

Karina Gomes Barbosa, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 29/01/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Karina Gomes Barbosa da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/01/2026, às 13:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1049584** e o código CRC **64E0996A**.

AGRADECIMENTOS

“A infância é um chão que pisamos a vida inteira”, essa frase de Lya Luft ressalta como as experiências vividas na infância, sejam elas boas ou ruins, estarão nos acompanhando durante toda a nossa vida. Na realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, revisitei diversas vezes a criança que fui um dia, senti milimetricamente o chão que piso e como na infância, tudo que é novo chegou com um pouco de medo, mas também com muito encanto para desbravar o que me esperava.

Agradeço aos meus pais, Christian e Cibele por terem me proporcionado uma infância segura, divertida e afetuosa. Por sempre me apoiarem e incentivarem. Graças a vocês, piso em um chão firme e macio — e hoje tenho a oportunidade de me graduar em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto. Pai, obrigada por, desde pequena, desenvolver a minha criatividade e imaginação, por ser afetuoso e sempre me ajudar, inclusive na produção do logotipo para esse projeto. Mãe, obrigada por me fazer uma mulher corajosa, forte, mas principalmente sensível. O seu jeito enérgico de levar a vida me inspira a enfrentar cada desafio. Eu amo e admiro vocês imensamente. Fizeram um bom trabalho.

Com muito carinho também agradeço aos meus irmãos. Victor, obrigada por dividir a infância e os brinquedos comigo, por me ensinar que a vida pode ser mais leve e que toda aventura vale a pena. Luísa, obrigada por ser a criança que me inspira a ser uma adulta cada dia melhor e por também me inspirar nesse trabalho. Ainda pequena, sem entender muito, você vibrou pela minha conquista ao entrar na Universidade — eu sempre estarei vibrando pelas suas. Aos meus familiares agradeço pela torcida, ainda que de longe. À minha avó, Cida, agradeço por me apoiar desde o início e por abençoar os meus caminhos.

Durante a graduação, criei a minha família em Mariana, pessoas que fizeram essa caminhada ser ainda mais tranquila. À Milena, minha namorada e companheira de vida, agradeço por dividir as alegrias e dificuldades dessa fase e de todas as outras. Obrigada por sempre me incentivar, ouvir e aconselhar. Ao seu lado tudo fica mais fácil. Agradeço também por me ajudar nas oficinas e na revisão dos textos. Às minhas amigas, agradeço por não soltarem a minha mão. Marcella, obrigada pelas histórias intermináveis e risadinhas bobas, pelos seus abraços afetuosos e por também me ajudar na oficina. Sthefany, obrigada por sempre ser uma boa companhia e me lembrar que o melhor daqui são as pessoas.

Assim como uma criança recém-nascida, esse trabalho precisou do apoio e ajuda de muita gente para se desenvolver. Sou grata à Karina, minha orientadora, por abrir os meus olhos para o jornalismo infantojuvenil, pelos momentos de troca e toda a paciência em me ajudar a tornar esse produto realidade. Agradeço à Geizi, professora da Escola Cônego Paulo Dilásio, por através da sua fé nas crianças e na educação, me abrir espaço em sua sala de aula e por todo o esforço em me ajudar. Você foi fundamental nesse processo. Ao talentoso Cleverton, agradeço por me ajudar na diagramação. Ao Salvador, Tiago, Débora e Eduardo, agradeço pelas entrevistas e conversas.

Em especial, agradeço às 23 crianças que permitiram a realização desse projeto. Desde o primeiro contato, percebi o quão incrível era essa turma, notei a energia em aprender, a abertura pelo novo e a preocupação em me receber bem em todas as oficinas. Cada um e cada uma, com seu jeito único de ser, me fez perceber que estava seguindo o caminho certo. Adryan, Ana Clara, Andreza, Arthur, Bárbara, Brayan, Cecília, Davi, Dayslan, Eliza, Esthefani, Gabriel, Heitor, João Lucas, João Miguel, Laura Sophia, Luidy, Lúcio, Marlison, Nicol, Samuel, Thalisson e Thiago, vocês são muito especiais e estarão sempre comigo. Muito obrigada.

RESUMO

O presente memorial trata do processo de produção do “Maritaca - Jornal Infantil”, jornal impresso realizado em colaboração com estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Cônego Paulo Dilásio, em Mariana-MG. O objetivo é aproximar as crianças do fazer jornalístico, representar infâncias plurais a partir de pautas locais e desenvolver a educação midiática no principal espaço de socialização das crianças: a escola. O jornal foi executado através de sete oficinas com estruturas baseadas nos planos de aula do Programa *EducaMídia*, sendo elas: oficina 1 - entrevista, oficina 2 - reunião de pauta, oficina 3 - entrevista, oficina 4 - produção e edição parcial, oficina 5 - entrevista, oficina 6 - produção e edição final e oficina 7 - encerramento. Neste trabalho, constam os pilares teóricos referentes a jornalismo para crianças, educação midiática e jornal impresso, além do diário de campo com registros do processo de produção e o editorial.

Palavras-chave: jornalismo infantojuvenil; educação midiática; jornal impresso; jornal infantil

ABSTRACT

This report describes the production process of "Maritaca - Children's Newspaper," a printed newspaper created in collaboration with 5th-grade students from the Cônego Paulo Dilásio School in Mariana, Minas Gerais, Brazil. The objective is to introduce children to journalistic practice, represent diverse childhoods through local issues, and develop media literacy in the primary space for children's socialization: the school. The newspaper was produced through seven workshops structured according to the lesson plans of the EducaMídia Program: Workshop 1 - interview, Workshop 2 - editorial meeting, Workshop 3 - interview, Workshop 4 - partial production and editing, Workshop 5 - interview, Workshop 6 - final production and editing, and Workshop 7 - closing. This work includes the theoretical pillars related to journalism for children, media literacy, and printed newspapers, as well as a field diary documenting the production process and the editorial.

Keywords: children's journalism; media literacy; printed newspaper; children's newspaper

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Habilidades da educação midiática	22
Figura 2 - Evolução da Circulação Impressa de 2015 a 2024	26
Figura 3 - Grupo 1	46
Figura 4 - Grupo 2	47
Figura 5 - Grupo 3	47
Figura 6 - Grupo 4	47
Figura 7 - Grupo 5	48
Figura 8 - Grupo 6	48
Figura 9 - Grupo 7	48
Figura 10 - Pauta sobre as igrejas históricas	50
Figura 11 - Pautas sobre presença do presidente Lula em Mariana	50
Figura 12 - Pautas sobre a presença do presidente Lula em Mariana	51
Figura 13 - Rompimento da Barragem de Fundão	51
Figura 14 - Pauta sobre Inauguração da farmácia	52
Figura 15 - Pautas sobre os cachorros na cidade	52
Figura 16 - Pauta sobre o PROERD	52
Figura 17 - Pautas sobre clima e natureza	53
Figura 18 - Opções de logotipo para o jornal	54
Figura 19 - Sugestão de título	56
Figura 20 - Lista de alimentos que desejam na alimentação escolar	57
Figura 21 - Lista de alimentos que desejam na alimentação escolar	57
Figura 22 - Foto de maritaca reabilitada	58
Figura 23 - Legenda elaborada pelos alunos	58
Figura 24 - Maritaca resgatada após cair em cola pega rato	59
Figura 25 - Legenda elaborada pelos alunos	59
Figura 26 - Foto dos alunos após entrevista com Tiago Lage	60
Figura 27 - Legenda elaborada pelos alunos	60
Figura 28 - Oficina de entrevista com Débora Souza	61
Figura 29 - Legenda elaborada pelos alunos	61
Figura 30 - Foto após entrevista com nutricionista	62
Figura 31 - Legenda elaborada pelos alunos	62
Figura 32 - Indicação Literária	62
Figura 33 - Questionário Final	64
Figura 34 - Questionário Final	65
Figura 35 - Questionário Final	65
Figura 36 - Questionário Final	66

Figura 37 - Questionário Final	67
Figura 38 - Questionário Final	67
Figura 39 - Questionário Final	68
Figura 40 - Questionário Final	68
Figura 41 - Paleta de cores	69
Figura 42 - Logotipo	70
Figura 43 - Aplicação de logotipo	70
Figura 44 - Frente do jornal	71
Figura 45 - Verso do Jornal	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. JORNALISMO COM E PARA CRIANÇAS	14
2.1 - EDUCAÇÃO MIDIÁTICA	19
3. JORNAL IMPRESSO	24
4. OFICINAS	29
4.1 - OFICINAS DE CONTATO	29
4.2 - PLANEJAMENTO: OFICINAS DE EXECUÇÃO	31
4.3 - OFICINA 1 - ENTREVISTA	32
4.4 - OFICINA 2 - REUNIÃO DE PAUTA	34
4.5 - OFICINA 3 – ENTREVISTA	36
4.6 - OFICINA 4 - PRODUÇÃO E EDIÇÃO PARCIAL	38
4.7 - OFICINA 5 - ENTREVISTA	40
4.8 - OFICINA 6 - PRODUÇÃO E EDIÇÃO FINAL	42
4.9 - OFICINA 7 - ENCERRAMENTO	43
5. DIÁRIO DE CAMPO	46
5.1 - OFICINA 1	46
5.2 - OFICINA 2	48
5.3 - OFICINA 3	53
5.4 - OFICINA 4	54
5.5 - OFICINA 5	63
5.6 - OFICINA 6 E 7	63
6. PROJETO EDITORIAL	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo principal produzir um jornal impresso, colaborativo, infantil e local com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Cônego Paulo Dilásccio, localizada no bairro Morro Santana, em Mariana, Minas Gerais. Através de oficinas voltadas para a educação midiática, as crianças puderam desenvolver as seguintes habilidades: acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica e cidadã do ambiente informacional e midiático. Dessa maneira, experimentaram o fazer jornalístico através da mediação da pesquisadora dentro de suas capacidades individuais, como ler, escrever, entrevistar, relatar, ilustrar e fotografar.

Em decorrência da incompatibilidade do calendário escolar do município com o calendário da Universidade Federal de Ouro Preto (irregular por conta da greve realizada em 2024), foi necessário iniciar o contato com os alunos em 2024, enquanto estavam no 4º ano. Entre os meses de outubro e novembro, foram realizadas três oficinas e uma entrevista com o morador do bairro, Salvador Alves de Freitas. O grupo de alunos em questão seguiu em 2025 com a mesma professora, Geizibel Aparecida Alves, que já trabalhou em sala de aula sobre os gêneros textuais notícia e reportagem.

Desenvolver um jornal com crianças em Mariana parte de princípios pessoais, quanto daqueles que fundamentam o papel social da Universidade Federal no Brasil. Mais do que isso, reflete a forma como vivencio, desde 2021, o território. No primeiro período da graduação de jornalismo iniciei um estágio na Prefeitura de Mariana, onde, posteriormente, fui contratada como assessora de comunicação. Através dessa experiência profissional, pude conhecer os bastidores da política marianense, os distritos e subdistritos da cidade — o que me fez admirar esse lugar, as belezas naturais, as pessoas e suas histórias.

Ainda que Mariana esteja perto de Belo Horizonte, cidade em que nasci e vivi, percebi que precisava criar vínculos para me sentir verdadeiramente parte desse novo território e isso só foi possível a partir da convivência cotidiana, do estabelecimento de laços e da escuta atenta das pessoas.

A Universidade Federal tem como um de seus pilares o desenvolvimento de projetos de extensão acadêmica voltados a conectar a instituição à comunidade através da troca de saberes. Confesso que, durante a graduação, participei pouco dessas atividades, justamente por trabalhar durante os estudos (algo que, por muito tempo, considerei uma lacuna na minha formação). Entretanto, ao olhar para a minha trajetória, hoje, reconheço que as maiores trocas ocorreram no cotidiano do trabalho e da vida sendo vivida: no ambiente de trabalho, em reuniões com as comunidades, em eventos culturais, na Feira Livre nos sábados de manhã, em inaugurações de escolas em distritos, nas campanhas de vacinação, no supermercado, em feira de adoção de animais e em tantos outros espaços. Nessas ocasiões, tive a oportunidade de observar, ouvir e dialogar, o que gradualmente fortaleceu minha admiração pela cidade e por seus habitantes.

Não pretendo esconder os problemas crônicos e graves que afetam Mariana. Ainda assim, reconheço que a cidade é passagem de pessoas dos mais diversos lugares — e eu sou uma delas. Diante de tudo que já vivi aqui e no afeto por cada pessoa que cruzou o meu caminho, me sinto na responsabilidade de retribuir, de alguma maneira, à comunidade. Esse jornal representa, sobretudo, um agradecimento à Mariana através dos meus conhecimentos adquiridos na academia.

A escolha de realizar o projeto no bairro Morro Santana, conhecido popularmente como “Gogô”, também representa a oportunidade de evidenciar o sítio arqueológico existente no local, que de acordo com o laudo técnico realizado pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais, é um espaço de conservação da formação humana, da produção mineral, econômica e social — o que representa a cultura e história da comunidade local e regional. “É um documento vivo da história econômica e da mineração de Minas Gerais”. (Ministério Público do Estado de Minas Gerais, 2007)

O Gogô foi, no período colonial, um território com quantidade expressiva de ouro e estima-se, através do relato de moradores e pela quantidade de ruínas, que viviam no local cerca de 50 mil pessoas. Hoje, de acordo com informações concedidas pela Secretaria de Fazenda do município, estão registradas 311 residências. Tendo como base o Censo de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Minas Gerais possui 2,71 moradores por residência, nesse caso, o bairro possui cerca de 843 moradores, já a cidade de Mariana possui, no total, cerca de 65 mil habitantes.

Ainda que o local tenha tanta riqueza cultural e histórica, é um território periférico, afastado da região central e pouco assistido pelo poder público.

Além disso, a temática do jornalismo infantojuvenil ainda é pouco explorada durante a graduação, o que despertou em mim o desejo de aprofundar meus conhecimentos sobre o assunto. A partir deste trabalho, busco também incentivar outros profissionais, comunicadores, jornalistas, educadores e toda a comunidade a abrirem espaços para que crianças e adolescentes sejam ouvidos e reconhecidos como sujeitos de expressão e participação social. Esse produto também representa o meu compromisso em preservar toda e qualquer infância.

Para isso, é importante compreender os seus interesses e necessidades e vê-los como crianças-sujeito, como defende a jornalista e pesquisadora Juliana Doretto, em sua obra *Pequeno Leitor de Papel* (2013), algo que foi defendido no jornal produzido em colaboração com os estudantes.

[...] creio que é preciso enxergar o pequeno leitor modelo de acordo com o conceito de infância que defendo neste trabalho: criança-sujeito ativa no mundo, que, apesar de ainda estar formando sua personalidade e conquistando degraus de cidadania, já faz parte da sociedade, compreendendo e sobretudo sentindo os problemas, as alegrias, as frustrações em sua volta. O principal obstáculo para esse movimento é o medo que temos do outro. Ele não é um campo aberto, sem obstáculos que dificultam a caminhada. Ter contato com o outro significa encarar o diferente e o desconhecido, enfrentar resistência, abrir brechas na desconfiança, conquistar a parceria e, por vezes, descobrir-se inferior à sua inteligência, à sua sensibilidade ou à sua integridade - ou surpreender-se com ele. (Doretto, 2013, p. 57)

Através dessa perspectiva, foi possível traçar o que os alunos, enquanto leitores, gostariam de ler em um jornal, qual a visão deles sobre a comunidade e cultura que os cercam e principalmente ouvir a opinião desses pequenos sujeitos. É importante ressaltar que o produto desenvolvido, neste caso, também é o processo de fazê-lo. Muitas vezes, a depender da abertura, curiosidade e despertar de interesse dos participantes. Por isso, o projeto visou uma abordagem por meio de oficinas, para que eles tenham conhecimento e contato com aspectos de um jornal, que conheçam o jornal impresso e compreendam como é feito e por quem.

A pesquisa-ação foi o método utilizado como inspiração no processo produtivo do jornal colaborativo, uma vez que a pesquisadora esteve inserida no meio enquanto mediadora do processo de produção das crianças. Esse método possibilita uma maior inserção no campo a ser trabalhado, estabelece contato direto com a comunidade e cria identificação com as crianças.

O produto em questão leva o nome “Maritaca - Jornal Infantil” e é composto por duas páginas, impressas em tamanho A4, que abordam temáticas que cercam a realidade e interesses dos participantes, possui paleta de cores vibrante, recursos gráficos e tipografia que despertam o interesse das crianças — esses aspectos serão melhor detalhados adiante. Embora o jornal seja a peça central desse trabalho, o memorial é a documentação de todo o processo de desenvolvimento e embasamento teórico. O primeiro capítulo discorre sobre como jornalismo ainda se apoia em concepções estereotipadas e limitantes em relação à infância através de potentes referências que abordam jornalismo infantojuvenil, como Juliana Doretto, Thaís Furtado, Gisele Reginato e Stéfani Fontanive.

No segundo capítulo, abordamos sobre a educação midiática como ferramenta essencial para incluir o público infantojuvenil no ecossistema comunicacional, de modo a fortalecer o senso crítico, a participação cidadã e a produção de mídia, especialmente diante das desigualdades socioeconômicas que afetam o acesso às tecnologias e a influência das Big Techs. Já no capítulo seguinte, evidenciamos a perda de relevância do jornal impresso em relação aos jovens e o pouco esforço dos jornais em fidelizar esse público, e também, a partir da “ciência dos jornais” de Otto Groth, analisamos aspectos de periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade do produto desenvolvido.

No capítulo cinco desenvolvemos o planejamento de sete oficinas baseadas nos planos de aula do Programa *EducaMídia* (as duas últimas foram integradas no mesmo encontro) — em geral, são compostas por entrevistas, reunião de pauta, edição parcial e edição final e encerramento. O capítulo seis corresponde ao diário de campo, que reúne a descrição do desenvolvimento das atividades planejadas, registros, observações e apontamentos sobre o momento. O último capítulo, referente ao editorial, descreve as características do produto, como cores, tipografia, elementos gráficos, diagramação e inspirações utilizadas.

2. Jornalismo com e para crianças

Para iniciarmos uma análise sobre o jornalismo para crianças, é necessário, sobretudo, compreender o conceito de infância enquanto uma construção social, que como consequência sofreu e sofrerá mutações com o passar do tempo. De acordo com Juliana Doretto (2013), atualmente, enxergamos a infância como uma etapa da vida demarcada predominantemente por aspectos biológicos, como idade, estatura, características físicas e cognição.

Porém, além dos aspectos físicos e de desenvolvimento, o conceito dessa etapa da vida também se dá por fatores culturais, sociais e econômicos. O pesquisador Philippe Ariès, na obra *História Social da Criança e da Família* (1986), define que “infância”, durante a Idade Média, significava “aquele que não tem voz”. Essa fase da vida era considerada uma passagem rápida enquanto o indivíduo necessitasse dos primeiros cuidados para adquirir a independência física; após isso, ele já era considerado um pequeno adulto e podia participar de atividades com os mais velhos e inclusive trabalhar.

Ariès (1986) também afirma que o “sentimento de infância” começou a surgir no século XVI, uma vez que os adultos começaram a ver as crianças como seres que deveriam ser mimados, protegidos e paparicados – ao invés de assumirem atividades da vida adulta logo que adquirissem autonomia física. Essa ideia, porém, se restringia apenas às altas classes sociais e à primeira infância.

Em *A invasão das crianças no discurso jornalístico: a representação não desejada da infância* (2018), Juliana Doretto e Thaís Furtado explicam que essa ideia da criança ingênua, imatura e incapaz perdura até os dias atuais, o que vemos muitas vezes representado pelos/nos jornais.

Os adultos, assim, entendem a criança como alguém que não conhece as armadilhas do mundo, que ainda não sabe compreender o que não está dito, o que está escondido, o que está implícito e, também, que deve ser protegida de conflitos, de dores e de sofrimentos (emoções que só devem ser experimentadas na fase adulta, quando a quebra da ingenuidade fornece ao sujeito as ferramentas racionais necessárias para enfrentar situações indesejadas e obscuras). (Doretto; Furtado, 2018, p. 5)

Esse “ideal de infância”, como elas denominam, está diretamente associado às classes mais altas, uma vez que idealiza uma criança sem preocupações sociais ou financeiras, que possui condições totais para aproveitar essa fase da vida sem lidar com dificuldades. Por outro lado, as crianças de classes mais baixas (e, com frequência, não brancas), muitas vezes, não possuem

como realidade o “ideal de infância”, pois vivenciam desde cedo situações mais complexas ligadas a dificuldades financeiras e necessidades não atendidas. Ou seja, ainda que necessitem de mais atenção, o jornalismo considera como se já tivessem perdido a infância, por isso deveriam ser separadas do convívio social. Já a criança que vive a infância idealizada, que apenas brinca e estuda, recebe mais proteção na garantia dessas condições e mais foco da mídia.

A representação de um ideal de infância também pode ser limitante e impedir as crianças de ocuparem outros papéis sociais. Ainda que de fato estejam em desenvolvimento cognitivo e dependam da ajuda dos adultos, não significa que elas não possam desenvolver pensamento crítico, interpretar o mundo em que vivem ou tomar as próprias decisões. O jornalismo, por sua vez, tem nos mostrado que pensa o contrário disso, pois subestima a capacidade das crianças ao representá-las através de discursos dos adultos, sejam pais, representantes legais ou instituições, ou escondê-las. Em outra obra, as autoras explicam que esse tipo de representação reforça a ideia de que a criança nunca é um cidadão pleno, ou seja, cria-se uma imagem dicotômica da criança.

[...] ou é indivíduo ingênuo e puro, a ser protegido (no caso das crianças de classes mais altas), ou então um sujeito sob a responsabilidade do Estado, porque cometeu crimes (e assim teria perdido até mesmo sua condição idealizada de infante atrelada à inocência), ou porque está em situação de vulnerabilidade (com a sua condição de “ser criança” posta em risco). (Furtado; Doretto, 2019, p. 152)

Um exemplo muito claro dessa dicotomia é a escolha de termos para se referirem às crianças em diferentes contextos. O uso constante de “menor” nos jornais está associado ao “Código de Menores”, legislação de 1979, que denominava como “menor irregular” a criança ou adolescente que tivesse cometido alguma infração, sofrido maus-tratos ou sido abandonado. Esses meninos e meninas eram submetidos à tutela do Estado, responsável por determinar o destino deles como tentativa de excluí-los da sociedade. Por outro lado, a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, surgiu para substituir a antiga legislação e pontua que os cidadãos com menos de 18 anos devem ser prioridade de toda a sociedade. De acordo com o glossário da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) o termo “menor” é pejorativo e inapropriado desde que o ECA entrou em vigor, pois “reproduz e endossa de forma subjetiva discriminações arraigadas e uma postura de exclusão social que remete ao extinto “Código de Menores” (ANDI, 2014).

Em setembro de 2025, a ANDI, em parceria com o Coletivo Colo e outras entidades ligadas ao jornalismo, lançou a campanha #NãoÉMenor, um movimento nacional para

desconstruir o uso do termo “menor” para referenciar crianças e adolescentes em diferentes âmbitos. De acordo com a organização, o objetivo da campanha é “conscientizar jornalistas, comunicadores, educadores e famílias sobre os aspectos negativos do termo e estimular a adoção de uma linguagem mais respeitosa com as crianças e adolescentes e alinhada à legislação brasileira”. Ainda que o ECA determine que as pessoas com menos de 18 anos como “sujeitos de direitos, cidadãos plenos e pessoas em desenvolvimento, com prioridade absoluta de proteção por parte da família, da sociedade e do Estado”, o uso constante de “menor” mantém determinados estigmas e preconceitos e contribui para a redução de direitos.

Em *O outro silenciado: perfis de crianças na revista piauí* (2023), as autoras Thaís Furtado, Gisele Reginato e Stéfani Fontanive explicam que, a partir da lógica dos adultos, as crianças são representadas por estereótipos e limitadas a determinados papéis sentimentais, “ou são inocentes, ou têm capacidades extraordinárias, ou sofrem violência, ou são violentas” (Furtado; Reginato; Stéfani, 2023, p. 4).

Ou seja, se partirmos da lógica que a concepção de infância muda ao longo do tempo e acompanha as alterações sociais, é natural questionar por que o jornalismo não acompanha essas transformações e insiste em limitá-las às mesmas pautas e estigmas. Um dos motivos seria o despreparo dos jornalistas para lidar com o imprevisível, uma característica muito comum nas crianças, mas que não permite um controle da fonte. “As crianças, porém, são mais imprevisíveis que os adultos. Podem ser extremamente sinceras — o que, ironicamente, se aproxima do valor de verdade tão defendido pelo jornalismo —, ou podem ser lacônicas se as questões que lhe dirigem são superficiais” (Furtado; Reginato; Stéfani, 2023, p. 4).

Além disso, existe também um temor de infringir o ECA, que para as autoras acaba se sobrepondo ao esforço de incluir meninos, meninas e meninos na produção e acesso à informação, o que seria facilmente solucionado se os adultos, bem como os jornalistas, enxergassem verdadeiramente as crianças e adolescentes como sujeitos. O medo de infringir o ECA não está ligado à preocupação de negar aos mais novos os seus direitos concedidos por lei, mas sim à preocupação em arcar com multas, processos e outras sanções. Em *Criança cidadã?: os manuais de redação e as orientações sobre infância e adolescência*, Thaís Furtado e Juliana Doretto (2020), ao analisarem o manual de redação da *Folha de São Paulo*, no verbete “imagens em redes sociais”, mostram que o jornal exige a autorização dos pais ou responsáveis, mas não a estende às crianças. Essa exigência entra em cumprimento com o que é solicitado pelo ECA, no

Artigo 100, que afirma: “a promoção dos direitos e proteção da criança e do adolescente deve ser efetuada no respeito pela intimidade, direito à imagem e reserva da sua vida privada”, mas nega à criança o direito à agência sobre sua própria imagem (ECA, 2024).

Se existe um silenciamento das crianças e adolescentes, dificilmente elas terão interesse no que o jornalismo tem para informar e esse afastamento tem como consequência a diminuição do hábito da leitura e concomitantemente de todos os benefícios que essa atividade proporciona ao indivíduo, bem como menor pensamento crítico e menor participação cidadã. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, dominar uma linguagem de maneira discursiva e cognitiva possibilita uma plena participação social, uma vez que “pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura” (Brasil, 1998, p. 19).

Para além das representações das crianças nos jornais, é necessário pensar em veículos feitos para/com elas — objetivo central deste produto. Alguns jornais, como “Folhinha”, “Estadinho”, “Jornal Joca” e “Ciência Hoje das Crianças” são voltados especialmente para esse público, mas nosso objetivo aqui não é analisá-los, mas refletir e construir um jornalismo que proporciona a participação das crianças e amplia seus discursos “para combater as desigualdades e promover a participação cidadã, em modo offline ou/e online”, como explicam Ana Cátia Ferreira e Juliana Doretto em *O que Perguntam as Crianças-Repórteres? Visões de Mundo e Participação no Jornalismo Infantojuvenil* (2024).

Assim como no “Repórter Júnior”, seção da revista infantil portuguesa *Visão Júnior*, onde as crianças entrevistam seus ídolos, a turma da Escola Cônego Paulo Dilácio também participou como repórteres durante as entrevistas (os detalhes desse processo serão melhor explorados posteriormente). A partir da apresentação de pautas, elaboração de perguntas, realização de entrevistas e edição dos textos, as crianças puderam participar ativamente no desenvolvimento do material. Desse modo, não só assumiram o papel de público-alvo, como também de produtores e produtoras de informações.

Na revista portuguesa, as crianças puderam escolher os seus entrevistados, mas no “Maritaca - Jornal Infantil”, as escolhas foram realizadas pela mediadora, de acordo com os temas que demonstraram interesse durante as oficinas, pois era necessário pensar em temas que não fossem de interesse exclusivo de alguns participantes ou que de alguma maneira julgassem o

potencial de entendimento das crianças, como relata Júnior, uma das crianças entrevistadas por Doretto em *A participação das crianças no jornalismo infantojuvenil português e brasileiro*.

O segundo, Júnior, de 12 anos, é morador de São Paulo e diz:

Pesquisadora: E esses jornais que são específicos para crianças?

— Vi uma ou duas vezes, mas não gostei. Prefiro jornal mesmo. A Recreio fica dando notícia sobre o Ben 10 (desenho animado). Que eu quero saber sobre o Ben 10? Não tenho nenhum interesse no Ben 10.

Pesquisadora: O que você queria saber?

— Alguma coisa do mundo [...] mais surpreendente.

Ou seja, ainda que ele esteja na faixa etária do público-alvo da revista, não quer dizer que esses temas sejam relevantes ao seu olhar, o que, para outra criança, pode ser interessante. Por isso, Juliana Doretto reforça a necessidade de representações de assuntos e infâncias mais plurais. Igualmente, é preciso ter cuidado com o vocabulário a ser utilizado, para que haja um equilíbrio entre uma linguagem acessível à maior parte das crianças e a não redução de conhecimento vocabular ou de entendimento.

Na mesma pesquisa, os leitores entre 14 e 16 anos já demonstram vergonha ou dificuldade para se expressarem quando questionados sobre aparecerem nos jornais ou revistas. Já os alunos que participaram da produção deste material demonstraram interesse em se verem em fotos ou tendo seus nomes vinculados na produção de textos e ilustrações. Muitos deles se procuravam nas fotografias e, possivelmente, esse desejo de se ver representado no jornal tem relação com a idade em que estão, 10 e 11 anos, e se aproximam mais da infância do que da adolescência — fase em que a estética da autoimagem é uma preocupação maior. Também podemos atribuir ao: contato direto com a mediadora, possibilitando um maior vínculo de confiança ao ter a sua imagem representada; e participação em todas as etapas de produção, o que pode contribuir significativamente no sentimento de deter o jornal como seu — o que raramente acontece diante dos grandes veículos de comunicação, que a passos lentos tentam emplacar uma representação limitante de infância.

2.1 - Educação midiática

Pensando em estratégias para reverter esse quadro de exclusão das crianças nas mídias, a educação midiática surge como uma alternativa essencial, uma vez que possibilita a leitura do mundo, a partir da lógica freireana. Ou seja, permite que o sujeito crie um vínculo com a própria cultura, forme a sua identidade e analise as mídias “como instrumentos que moldam o nosso modo de ser, estar e compreender o mundo em que vivemos”, o que os possibilita construir e transformar a realidade, como explica a Secretaria de Comunicação Social (Secom) da Presidência da República na *Estratégia Brasileira de Educação Midiática* (Brasil, 2023, p. 10).

Em um ecossistema comunicacional em que se está exposto constantemente a diversos conteúdos midiáticos, seja pelas redes sociais, televisão, jogos digitais, publicidades ou jornais, o desenvolvimento da educação midiática é fundamental não apenas para que o indivíduo desenvolva o senso crítico, mas para que também seja produtor de mídia, o que se aplica tanto para crianças e adolescentes quanto para adultos. De acordo com o pesquisador David Buckingham, em sua obra *Manifesto pela Educação Midiática* (2023), nas décadas de 70 e 80, difundiu-se a ideia de que a tecnologia era um meio de libertação social, que ela iria proporcionar acesso ilimitado às informações, novas formas de sociabilidade entre indivíduos e grupos, geraria inovação nos negócios, possibilidade de expressão pessoal e de comunicação de maneira ilimitada. Além disso, afirmava-se que não haveria distinção entre produtor e consumidor de mídia, uma vez que haveria um desequilíbrio de poder e uma democratização dos meios de comunicação. O autor define essas ideias como uma “ciberutopia”.

Evidentemente, afirmar que a tecnologia nos libertará tem um apelo inegável. Mas essas ideias são, na melhor das hipóteses, apenas um tipo de pensamento positivo. Elas também são tecnologicamente deterministas, atribuindo à tecnologia um enorme poder de gerar mudança social, independente dos contextos em que é usada e das intenções de seus usuários. (Buckingham, 2023, p. 31 - 32)

Diferentemente do que expressam os defensores dessa ideologia, o acesso a tecnologias é mundialmente desigual e reflete as desigualdades socioeconômicas entre os usuários, o que mais uma vez reforça a exclusão de crianças e adolescentes pobres que já são sistematicamente excluídos nas/das representações midiáticas. A dificuldade em acessar as mídias se estende à dificuldade em produzir conteúdo e a *Estratégia Brasileira de Educação Midiática* explica que, de acordo com o Comitê Executivo de Tecnologia da Informação e Comunicação (CETIC), em

2021, os indivíduos de maior poder econômico são os maiores envolvidos na produção e divulgação de conteúdos nas redes sociais. Somente 30% dos usuários das classes A e B afirmaram não fazer download, criar ou compartilhar conteúdo na web e cerca de 70% dos usuários das classes C, D e E afirmam não utilizar a rede para esses fins.

Então, ainda que o mundo caminhe para um crescente número de usuários que acessam as mídias, a produção e divulgação é distribuída de maneira desigual e fica detida a uma elite socioeconômica, que em uma esfera maior é representada pelas chamadas *Big Techs*, as grandes empresas de tecnologia que dominam o mercado global. Buckingham as denomina como “GAFA”¹, sendo elas: Google², Apple, Facebook³ e Amazon. Essas empresas de tecnologia e de mídia governam o ambiente digital, uma vez que direcionam e limitam o acesso dos usuários: “[...] serviços como Facebook, o Twitter ou o Instagram não são simplesmente uma maneira de fornecer conteúdo: são também uma forma cultural, que molda esse conteúdo, e nossa relação com ele, de determinadas maneiras” (Buckingham, 2023, p. 23 - 24).

Essas empresas utilizam algoritmos baseados nos interesses pessoais dos usuários para direcionar conteúdo e publicidades, assim moldando o que as pessoas veem e, muitas vezes, influenciando suas opiniões e comportamentos. Esse processo é denominado de “economia da atenção”. Esses algoritmos, ainda, são opacos, ou seja, o público não tem acesso aos processos de governança que os regem. De acordo com a *Estratégia Brasileira de Educação Midiática*, essas plataformas direcionam ao público conteúdos sensacionalistas, radicais e simplistas, principalmente relacionados a temas dos Direitos Humanos, o que gera mais engajamento. Esse tipo de conteúdo ameaça a democracia, causa desinformação e contribui para o crescimento da violência e preconceitos: “muitas vezes, esses conteúdos são propagados por grupos organizados

¹ O ranking das Big Techs tem passado por mudanças nos últimos anos. A ByteDance, empresa chinesa proprietária do aplicativo *TikTok*, ganhou espaço no mercado digital após a pandemia. De acordo com o ranking da Brand Finance, em 2023, o aplicativo chinês ultrapassou o *Facebook* (atualmente Meta, que abrange *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp* e *Threads*), ocupando o lugar de rede social mais valiosa do mundo. É avaliada em US\$ 65,7 bilhões, ante US\$ 59,0 bilhões da concorrente (Forbes, 2023). Além disso, em 2022, o aplicativo *X* (antigo *Twitter*) foi comprado, entre idas e vindas, pelo empresário Elon Musk, que tem ganhado notoriedade na política mundial por apoiar e investir, em 2024, na campanha do atual presidente dos Estados Unidos, o extremista Donald Trump (G1, 2022). Após a vitória do político republicano, Musk foi nomeado representante do Departamento de Eficiência Governamental (DOGE), com a finalidade de aconselhar o presidente em cortes de gastos no país. No mesmo ano, o Brasil enfrentou problemas com a rede social *X*, uma vez que não cumpria com decisões judiciais estabelecidas pelo Supremo Tribunal Federal (G1, 2024).

² Desde 2015 a empresa passou a ser controlada pela Alphabet, empresa criada pelos mesmos fundadores com o objetivo de gerenciar a Google e outras empresas.

³ A empresa, que é dona dos aplicativos Whatsapp, Instagram e Facebook, em 2021, passou a se chamar Meta.

que desenvolvem ações coordenadas para alcançar seus interesses, sejam eles políticos, econômicos, eleitorais” (Brasil, 2023, p. 7).

Esse tipo de imposição confronta o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que estabelece o direito do indivíduo à informação e à expressão: “Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e idéias por qualquer meio de expressão” (Desintitute, 2021).

O artigo reforça a liberdade de expressão e de procurar informações como direitos básicos dos seres humanos e quando se fala em educação midiática, trata-se das crianças e adolescentes exercerem seus direitos de forma plena e consciente. Ao aprender a ler, interpretar e criar conteúdos midiáticos, os mais jovens estão sendo preparados não apenas para saber consumir as informações disponíveis a eles ou maximizar a utilização das plataformas midiáticas, mas também para questionar essas informações e contribuir com suas próprias ideias.

Buckingham (2023) reforça que, para entendermos a mídia, é preciso analisar como nós, cidadãos, produzimos e criamos conteúdos e como nos comunicamos. Ele também explica que levar essa discussão para as salas de aula muitas vezes é uma dificuldade e alguns políticos veem a educação como uma força contrária ao desenvolvimento social, por isso preferem que a educação midiática não seja vista com a devida importância e lidam com a mídia como algo trivial no dia a dia dos jovens.

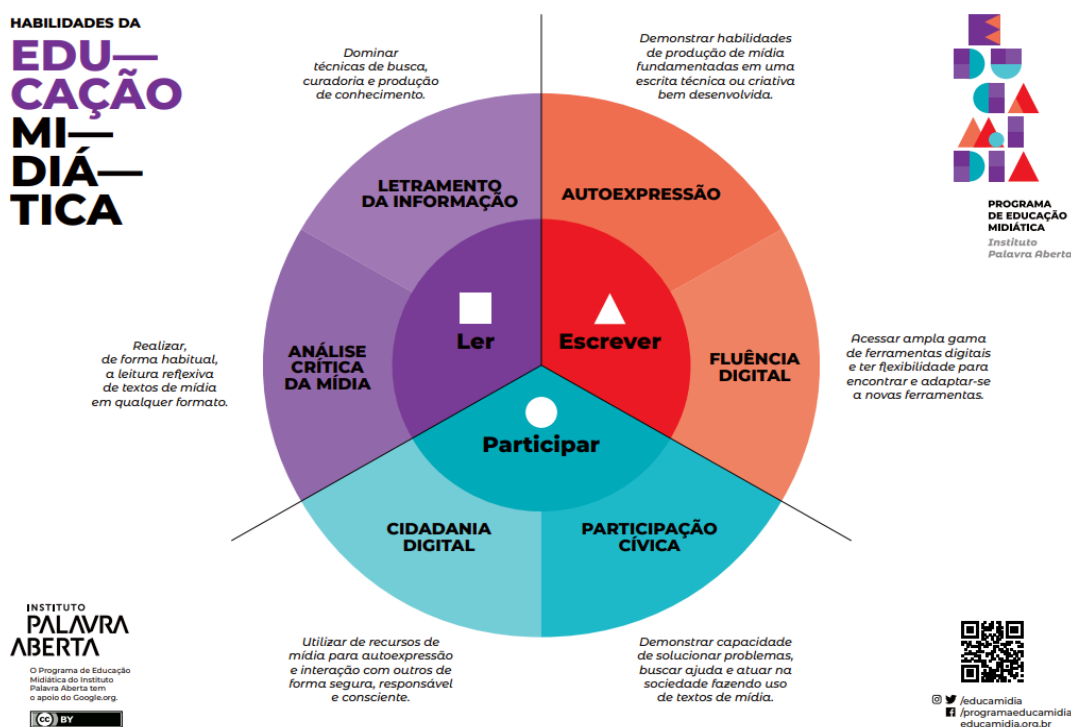
Por outro lado, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) enfatiza em *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores* (2013) que a aprendizagem prática é um processo importante para a assimilação de conhecimento, por isso é indispensável que as crianças e adolescentes aprendam a produzir conteúdo midiático e possam participar ao executar textos e imagens em um ambiente colaborativo. Nesse sentido, os professores desempenham um papel ativo nesse processo, pois ao desenvolverem competências na alfabetização midiática e informacional, estarão seguros para produzirem mídia e instruírem os alunos para realizarem o mesmo.

Muitas vezes, a educação midiática é vista como uma ação com objetivo exclusivo de combate às *fake news* ou qualquer tipo de desinformação, mas educar os indivíduos midiaticamente não se reduz a isso. Primeiro, saber somente diferenciar informações verdadeiras ou falsas não se faz suficiente para eliminar as *fake news*, uma vez que seria uma medida

reducionista, o que neste caso se contrapõe à educação midiática. Para além do combate à desinformação, a educação midiática tem como objetivos, por exemplo, a formação de leitores e produtores críticos, o desenvolvimento de habilidades, o domínio de ferramentas e técnicas de pesquisas, o exercício da cidadania e a garantia da autoexpressão.

De acordo com o *EducaMídia*, programa de capacitação de professores e instituições de ensino desenvolvido pelo Instituto Palavra Aberta, a educação midiática é o desenvolvimento das seguintes habilidades: acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático, independente do formato, seja ele impresso ou digital (2020). Todas essas habilidades são desenvolvidas a partir de três pilares: ler, escrever e participar, como é representado na imagem a seguir.

Figura 1 - Habilidades da educação midiática



Fonte: EducaMídia - Instituto Palavra Aberta

Através do domínio dessas habilidades, é possível que as crianças e adolescentes tenham voz nesses espaços, que saibam interpretar as informações que recebem, o contexto e a intenção de determinadas mensagens. A educação midiática é, sobretudo, um conjunto de habilidades que

podem e devem ser desenvolvidas de maneira multidisciplinar. É o oposto do que muitos acreditam, ser uma disciplina à parte ou exclusiva do processo de aprendizagem da Língua Portuguesa, pois trabalhada de maneira isolada não se alcança os objetivos já mencionados. Apesar de muitas escolas não contarem com uma estrutura ideal, como o acesso à internet, laboratórios de informática ou recursos audiovisuais, é possível colocar em prática o desenvolvimento dessas habilidades de maneiras mais acessíveis, através da mídia offline — jornais e revistas impressos — divulgando a produção midiática em formato de panfletos, murais e cartazes, por exemplo.

3. Jornal impresso

Pensar na mídia offline, com ênfase nos jornais impressos como ferramenta para desenvolver a educação midiática talvez possa parecer, para muitos, um recurso antiquado. Vez ou outra escuta-se que o jornal impresso vai acabar, que “está com os dias contados” e essa ideia é tão forte e parece ser uma realidade que se aproxima, pois os jornais insistem em manter um modelo que agrada cada vez menos os leitores, principalmente os novos leitores. O jornalista Ricardo Noblat (2010), no livro *A arte de fazer um jornal diário*, no capítulo “Tragédia (ou comédia, se preferirem) um ato cênico”, representa o diálogo entre um jornalista e um cidadão que questiona aspectos que fazem com que os leitores tenham pouco interesse no jornal impresso. Dentre esses aspectos, ele questiona se os jovens leem jornais.

[...] Cidadão — Os jovens leem jornais?

Jornalista — Leem pouco. E cada vez menos.

Cidadão — Mas o que os jornais fazem para atraí-los?

Jornalista — Não fazem muita coisa.

Cidadão — Se não atraírem leitores jovens, no futuro os jornais não terão mais leitores, estou certo?

Jornalista — Está, sim. É mais ou menos isso.

Cidadão — Então a ideia dos jornalistas é acabar com os jornais...

Jornalista — O senhor me desculpe, mas tenho que ir embora.

(O jornalista sai de cena. O cidadão e as demais pessoas ficam por ali comentando baixinho o que ouviram. A cortina baixa.)

(Noblat, 2010, p. 13)

O pensamento do cidadão faz sentido, pois se os jovens não são atraídos para lerem os jornais agora, no presente, possivelmente não serão leitores no futuro. Em 2009, no jornal *Folha de São Paulo*, o então ombudsman Carlos Eduardo Lins da Silva publicou em uma coluna sobre as estratégias do veículo para atrair os leitores jovens. O texto *Como atrair os jovens para o jornal* afirma que “ajudar a criar e manter nas crianças e adolescentes o hábito da leitura no papel deveria estar entre as prioridades máximas da estratégia de todo veículo de comunicação impressa”, mas a *Folha* aparenta dar pouca importância ao assunto. O autor, antes de escrever a

crítica, enviou dez perguntas à Secretaria de Redação, mas recebeu o argumento que a maioria das informações solicitadas eram sigilosas e uma breve resposta:

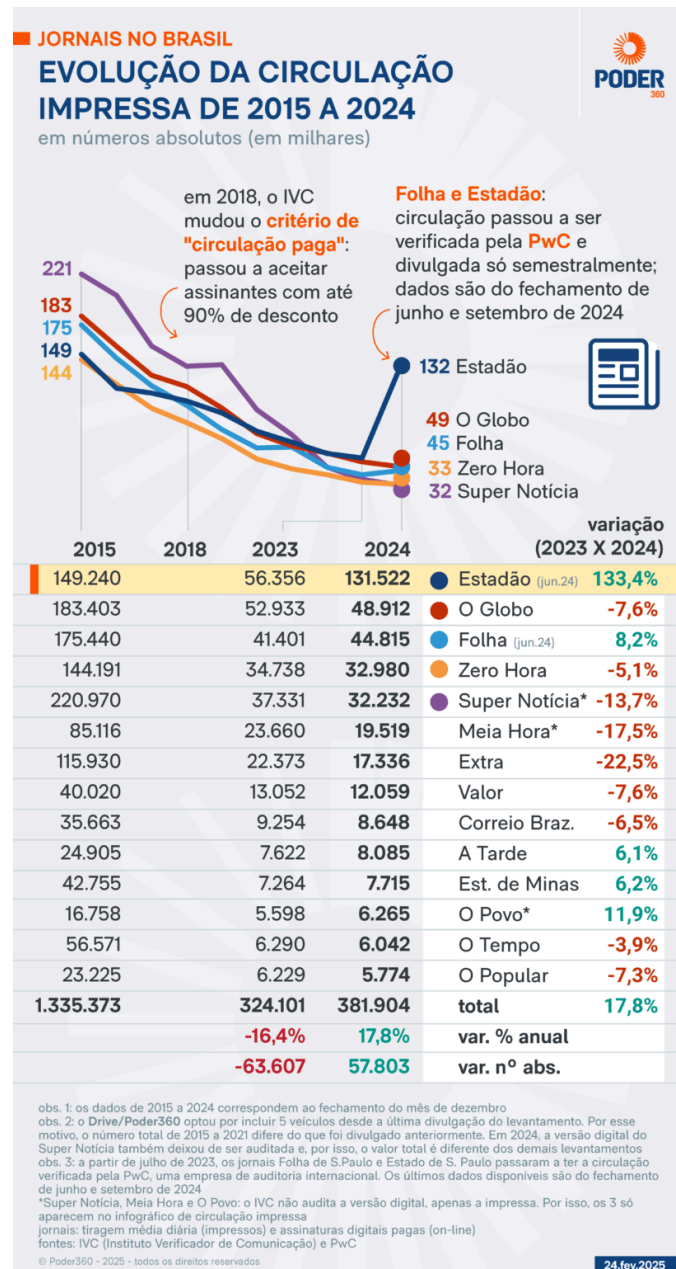
A **Folha** acredita que a melhor forma de atrair o público jovem é produzir, diariamente, um jornal melhor, independente, mais completo, aprofundado e com a preocupação de ser crítico e plural. Todos os dias e em todos os seus cadernos, busca trazer diferentes aspectos da realidade. (Folha de São Paulo, 2009)

Esse tipo de posicionamento evidencia o pouco esforço dos jornais em conquistar as crianças e adolescentes como leitores. Lins da Silva ainda completa que “o jornal parece preferir esperar que eles (os jovens) sozinhos, ao amadurecerem, venham a substituir seus pais e avós como leitores, apesar das indicações de que tal reposição não está acontecendo” (Folha de São Paulo, 2009).

A passividade dos jornais fica ainda mais grave quando, hoje, observamos que os jovens procuram outras fontes de informação, como os *news influencers*, no português pode ser traduzido como “influenciadores de notícias” — sendo eles criadores de conteúdo que divulgam informações em tempo real através de uma linguagem mais jovial e simples, com interações que aproximam o público e geram maior relação de confiança, comparado com os veículos tradicionais. De acordo com o Relatório de Notícias de 2025 do Reuters Institute, em todos os 48 países participantes da pesquisa os jovens possuem dependência das redes sociais e canais de vídeos para se informarem. Da faixa etária entre 18 e 24 anos, 44% afirmam que essas são suas principais fontes de informação. E entre 25 e 34 anos, 38%. Ou seja, esses criadores de conteúdo conseguem alcançar de maneira mais fácil o público jovem e encontram espaço para fazer isso diante da falta de estratégia por parte das empresas de comunicação para dialogar com as novas gerações.

Somado a isso, no Brasil, é possível notar a queda na adesão dos jornais impressos. Em pesquisa do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), publicada pelo portal *Poder 360*, em 2023 e 2024, constatou-se que entre 14 jornais brasileiros, 9 apresentaram redução na circulação das versões impressas: O Globo (-7,6%), Zero Hora (-5,1%), Super Notícia (-13,7%), Meia Hora (-17,5%), Extra (-22,5%), Valor (-7,6%), Correio Braz. (-6,5%), O Tempo (-3,9%) e O Popular (-7,3%). Esses resultados representam a diminuição de interesse dos leitores nas versões de papel, fator que também pode ser atrelado ao crescimento das mídias digitais e à mudança na forma de acessar as notícias. Os dados da pesquisa podem ser observados na seguinte imagem:

Figura 2 - Evolução da Circulação Impressa de 2015 a 2024



Fonte: Poder 360

No artigo *Groth e Lampião: jornalismo laboratorial impresso e a ciência dos jornais* (2016), a professora Karina Gomes Barbosa, do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto, analisa o *Lampião*, jornal laboratorial, através da ótica denominada pelo teólogo

alemão Otto Groth como “ciência dos jornais” em *O poder cultural desconhecido – fundamentos da ciência dos jornais*, o que também se aplica à proposta do presente trabalho.

Groth lista as características essenciais de um jornal, denominadas como “qualidades constituintes”: periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade. Para o autor, a periodicidade é a necessidade de o jornal ser contínuo, publicado em determinado intervalo de tempo, de maneira que o leitor fique habituado, quase que dependente do jornal. É como explica Barbosa: “um recorte de tempo delimitado leva o jornal a retornar periodicamente, acostumando, incitando e coagindo os leitores. A repetição ajuda a reter o que desaparece, fortalece o fraco, reforça a participação e a certeza” (Groth, 2011, p. 149 apud Barbosa, 2016, p. 253).

Pensando nessa lógica, é importante que o jornal desenvolvido pelas crianças tenha uma continuidade, pois esse trabalho garante o fortalecimento da identidade e do território em que essas infâncias são passadas. É através da construção e publicação desse jornal que as crianças poderão falar sobre o que sabem e o que desejam saber mais. Ainda que seja uma vez no ano, na publicação desse jornal, as crianças serão ouvidas — esse talvez seja o maior vínculo que o trabalho em questão pode oferecer.

Em seguida, a pesquisadora explica que “a cada vez que o jornal retorna, ele tem a pretensão de universalidade: de incluir cada um no mundo diante de si, mundo que depende do alcance do jornal [...]” (p. 253) e além da inclusão, a universalidade garante a interação com o mundo e com os outros. Por isso, um jornal infantil colaborativo não só permite a interação das crianças entre elas, mas também com o bairro em que vivem, com os moradores, entrevistados e outras crianças que irão ler esse material. Pode-se dizer que um jornal feito com e para crianças fecha com precisão o ciclo da universalidade, expondo à interação com o mundo a criança que faz e a criança que lê o jornal.

A universalidade se liga à atualidade na perspectiva do presente, pois de acordo com Barbosa, as pessoas se importam, antes de tudo, com o que está acontecendo agora. Ela também explica que novidade é algo subjetivo, pois o que pode ser novo para um não é para o outro, mas atualidade é um conceito objetivo, ou seja, é aquilo que acontece no tempo presente. “Atual é o que cai no presente ou tem relação com ele, e novamente a ideia de instantaneidade surge: o desejo do jornal é reduzir o tempo entre acontecimento e mediação ou publicação” (p. 254). A atualidade tem como catalisadora a periodicidade, que no contexto do trabalho proposto, provavelmente, não cumpra com essa qualidade constituinte. Assim como o Jornal Lampião,

desenvolver um jornal infantil em colaboração com as próprias crianças é viver, a cada edição, um trabalho de experimentação, que conta com processos de aprendizagem, desenvolvimento de habilidades, como ler e escrever, a adesão e interesse das crianças e apoio de espaços de sociabilização das crianças, especialmente as escolas. Pensando nesses aspectos, o trabalho, inicialmente, tem como pilar mais importante o processo do fazer jornalístico, para que as crianças possam se aproximar do jornal impresso, do jornalismo e dos jornalistas. Essa aproximação é o plantio de leitores de papel, no agora, para o futuro.

Por último, Barbosa explica que, de acordo com Groth, a universalidade se junta à publicidade: “Finalmente, a publicidade se conecta à universalidade, pois diz respeito ao que está diante de todos, mas também àquilo a que todos têm acesso [...]” (p. 254). Esse acesso é determinado pela quantidade de exemplares distribuídos, na maneira de distribuição e formato. Por isso, algumas escolhas editoriais — que serão abordadas mais adiante — foram importantes para pensar em uma publicidade mais eficaz.

4. Oficinas

As oficinas foram planejadas com base nos planos de aula do Programa *EducaMídia*, seguindo uma estrutura composta por três etapas: ativação, momento inicial da aula destinado à explicação do tema a ser abordado e organização para início das atividades; desenvolvimento, etapa reservada para a execução da atividade; e fechamento, instante destinado ao encerramento das atividades e explicação para a próxima oficina. De modo geral, essas atividades têm como principal objetivo proporcionar aos alunos a oportunidade de exercitar a cidadania por meio da educação midiática e colocar em prática as habilidades desenvolvidas pelos pilares: ler, escrever e participar. A turma é composta por 23 alunos. Vale destacar que cada hora/aula equivale a 50 minutos e a distribuição do tempo pode variar de acordo com a proposta de cada oficina — realizadas no horário destinado às aulas de Língua Portuguesa. Além disso, as oficinas realizadas previamente, em 2024, serão denominadas como “oficinas de contato” e foi a partir delas que algumas decisões foram tomadas durante a organização do seguinte planejamento. Como essas antecederam as orientações do presente trabalho e não seguiram um embasamento teórico para o devido planejamento, será realizada uma breve contextualização para justificar algumas escolhas desse processo.

4.1 - Oficinas de contato

A ideia de desenvolver um jornal infantil colaborativo já se configurava como realidade em meados de 2024, mas era necessário definir um local para esse projeto. O ambiente escolar surgiu como o primeiro lugar possível, pois é onde as crianças se reúnem de forma regular e onde criam visões de mundo através do aprendizado.

Em outubro do mesmo ano, estive juntamente com um grupo de colegas na Escola Municipal Cônego Paulo Dilásccio, para realizar um trabalho acadêmico vinculado à disciplina de Radiojornalismo. No contexto da elaboração de propostas jornalísticas voltadas ao público infantil, apresentei ao grupo a ideia de realizar um podcast infantil sobre profissões, a primeira delas seria o jornalismo.

A proposta foi acolhida pelo grupo e então estivemos na escola para realizarmos esse trabalho com a então turma do 4º ano do Ensino Fundamental. Durante as entrevistas, foi perceptível o quanto a turma era curiosa, animada e receptiva. Na ocasião, um dos colegas

comentou com a professora Geizibel Aparecida sobre o meu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Ainda que o projeto não estivesse com a estrutura bem definida naquele momento, a professora demonstrou interesse e acolheu a iniciativa. Ela percebeu, antes mesmo do que eu, a importância em dar espaço e potência às vozes infantis.

Fazer um jornal infantil colaborativo exige, sobretudo, o apoio de muitas pessoas, é preciso ter disposição e confiança. A professora Geizibel não só acreditou neste trabalho, como também no potencial de cada criança que ela mesma contribui diariamente para o desenvolvimento educacional e humano.

Antes mesmo de iniciar o período de orientações do TCC, foi necessário estabelecer um primeiro contato com os alunos da turma. Essa necessidade se deu tanto por incompatibilidade entre os calendários da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e da escola, quanto pela necessidade de engajar, desde cedo, as crianças no projeto. Assim, foram realizadas três oficinas iniciais de contato: duas antecederam as orientações da professora Karina Gomes Barbosa e a terceira após a primeira reunião de orientação.

A primeira oficina foi realizada no dia 25 de outubro de 2024, com duração de uma hora/aula e uso de projeção no quadro para visualização de vídeos e imagens. No momento, me apresentei às crianças, expliquei o que é um Trabalho de Conclusão de Curso, expliquei onde é o curso de Jornalismo e a localização do Instituto de Ciências Sociais da UFOP e apresentei a proposta de realizar um jornal impresso infantil. Foram exibidos exemplos de telejornais, jornais impressos e jornais de rádio, bem como diferentes jornais voltados ao público infantil.

A segunda oficina de contato ocorreu no dia 31 de outubro de 2024, também com duração de uma hora/aula e uso de projeção. Nessa atividade, foram apresentados às crianças diferentes formatos e temáticas de entrevistas, como entrevistas com assuntos cotidianos, curiosidades e coletivas de imprensa relacionadas ao futebol. Também foi enfatizada a necessidade de registrar informações básicas sobre os entrevistados, como nome, idade e ocupação. Durante a oficina, foram pedidas sugestões de personalidades do bairro Morro Santana para serem entrevistadas. A turma, de forma bastante participativa, mencionou o senhor Salvador Freitas. Ao final, pedi que pensassem em ideias e possíveis nomes para o jornal. Nesse momento, o aluno Gabriel Alisson do Carmo sugeriu o nome “Maritaca”, justificando que as crianças falam muito.

No dia três de novembro, estive na residência do senhor Salvador Alves de Freitas, 74, um dos moradores mais antigos do bairro Morro Santana e avô da aluna Cecília Freitas, participante

do projeto. A aluna intermediou o contato com a sua família, possibilitando a realização da entrevista. Durante a conversa, Salvador contou a história do bairro, da escola e de sua própria trajetória familiar. Ele também mostrou objetos encontrados na região que remetem ao período colonial, como cachimbos, brunidores, potes de cerâmicas e pregos. Considero que Salvador atuou como uma importante fonte oral para esse trabalho e foi através dele que pude dimensionar de maneira mais precisa o valor histórico e cultural do bairro Morro Santana para a cidade de Mariana. Ressalto, contudo, que essa entrevista não foi incorporada ao produto final, por ter sido realizada sem a participação das crianças, em razão da disponibilidade do entrevistado restringir-se aos domingos.

A terceira oficina foi realizada no dia 21 de novembro de 2024, após a primeira reunião com a professora orientadora, que sugeriu a adoção de dinâmicas mais interativas, com uso de recursos manuais e redução da dependência de projeções. Sendo assim, a atividade teve a duração de duas horas/aula e foi estruturada com dinâmicas de entrevistas. Utilizando um microfone confeccionado com materiais recicláveis, os alunos realizaram entrevistas comigo, entre si e com a professora. Esse momento proporcionou maior conexão entre todos os participantes e possibilitou que eu conhecesse melhor os interesses da turma e a forma como se comportavam em atividades mais lúdicas e interativas. Ao final dessa oficina, orientei que os encontros seriam retomados em 2025 — pois era necessário que as oficinas fossem devidamente planejadas. Distribuí um pequeno bloco de anotações para que cada criança escrevesse sugestões de nomes para o jornal, possíveis pautas e entrevistados.

4.2 - Planejamento: oficinas de execução

OFICINA 1	Entrevista	05/06/2025
OFICINA 2	Reunião de pauta	12/06/2025
OFICINA 3	Entrevista	17/06/2025
OFICINA 4	Produção e edição parcial	26/06/2025
OFICINA 5	Entrevista	03/07/2025
OFICINA 6	Produção e edição final	10/07/2025
OFICINA 7	Encerramento	21/07/2025

4.3 - OFICINA 1 - Entrevista

Duração: duas horas/aula (1h40min)

É importante ouvir com atenção os assuntos pelos quais as crianças se interessam. Tendo como base as oficinas realizadas em 2024, os alunos demonstraram interesse por assuntos gerais da cidade de Mariana, desde temas específicos do bairro em que moravam a questões mais abrangentes, como as funções do prefeito.

Por isso, a atividade propõe que os alunos coloquem em prática o que aprenderam sobre entrevista (tema abordado nas oficinas de contato) e expressem de maneira aberta e democrática o que mais os interessam dentro da pauta. Dessa maneira, a mediadora terá essas informações como parâmetro do que será utilizado para a composição do jornal.

HABILIDADES: ler (análise crítica da mídia), escrever (autoexpressão) e participar (participação cívica).

MATERIAIS: lápis e papel.

AULA 1

ATIVACÃO

10 minutos | Inicialmente, explique aos alunos a proposta da oficina, relembre o que é uma entrevista e os prepare para receberem o entrevistado. Importante falar sobre a postura de um jornalista durante a entrevista, que eles devem anotar as informações importantes e que as perguntas elaboradas pela mediadora serão lidas pelos alunos. As carteiras devem ser organizadas em um círculo e antes da realização da entrevista as perguntas devem ser lidas com os alunos e, se necessário, acrescentar mais uma pergunta.

DESENVOLVIMENTO

40 minutos | Entrevista com o socorrista animal Tiago Lage, do Instituto Habitat, sobre as maritacas na cidade de Mariana. Tiago tem 38 anos, é natural de Belo Horizonte, é brigadista

animal, enfermeiro e presidente do Instituto Habitat. A instituição é uma organização de preservação ambiental e atua no resgate de animais silvestres, de grande porte, cães e gatos.

Perguntas:

- 1- Qual é a espécie de maritaca mais comum em Mariana? E quais são os seus hábitos e características?
- 2- Como é a presença das Maritacas no perímetro urbano de Mariana? Pode nos contar um pouco sobre como esses animais vivem aqui?
- 3- Qual a função do Instituto Habitat e a atuação no resgate e monitoramento de animais?
- 4- Depois que as aves são resgatadas, como funciona o processo de reabilitação dessas aves até a soltura?
- 5- O Instituto já passou por algum fato marcante com as maritacas? Nos conte como foi.
- 6- Como a comunidade pode ajudar na proteção dessas aves?

FECHAMENTO

5 minutos | Ao final, sinalize que o tempo da entrevista chegou ao fim. Agradeça a presença do entrevistado e comunique aos alunos sobre a dinâmica da próxima aula.

AULA 2**ATIVACÃO**

15 minutos | Em grupos de 4 a 5 alunos, os alunos irão listar três pontos que para eles são essenciais na elaboração da matéria sobre a entrevista que participaram. Solicite que os alunos reflitam entre eles e escrevam no papel. Questione sobre:

- O que acharam mais legal e interessante na entrevista?
- Quais informações uma criança gostaria de saber sobre as araras?
- Quais informações são importantes sobre o instituto?

DESENVOLVIMENTO

20 minutos | Cada grupo deve escolher um representante para ler as anotações e explicar o que pensaram. Essas informações devem ser recolhidas pela mediadora e utilizadas como base para decupar a entrevista.

FECHAMENTO

10 minutos | Apresente a proposta da próxima oficina e solicite que cada aluno leve uma sugestão de tema de pauta. Explique que eles devem selecionar um assunto local que gostariam de ver no jornal e devem pensar em possíveis entrevistados e registros.

Observação: A matéria referente à entrevista será realizada pela mediadora, tendo como base os interesses das crianças.

Registros: A oficina será registrada através de fotografias e gravação de voz.

4.4 - OFICINA 2 - Reunião de pauta

Duração: duas horas/aula (1h40min)

A participação ativa das crianças para as tomadas de decisões, sejam elas pequenas ou grandes, é essencial para a construção de um jornal que represente de maneira verdadeira os leitores mais jovens. Por isso, a oficina busca realizar uma sondagem de temas que fazem parte do interesse e atenção delas. As pautas devem apontar temas locais, que fazem parte do cotidiano deles e provavelmente de outras crianças da cidade. A reunião será um guia para a mediadora durante a elaboração do jornal.

HABILIDADES: ler (letramento da informação), escrever (autoexpressão) e participar (participação cívica).

MATERIAIS: fichas coloridas, lápis ou caneta e fita adesiva.

AULA 1

ATIVAÇÃO

5 minutos | Organize uma roda de conversa, distribua uma ficha e três adesivos para cada aluno. Explique brevemente sobre reunião de pauta, como será a votação e solicite que cada um escreva a sua respectiva pauta na ficha.

DESENVOLVIMENTO

10 minutos | Tempo de escrita.

35 minutos | Individualmente, os alunos irão apresentar as suas pautas e fazer um breve comentário. As fichas serão coladas no quadro e agrupadas por temas semelhantes.

10 minutos | De maneira rápida e em ordem, cada aluno irá escolher as três pautas que mais gostou. Os adesivos serão fixados nas fichas durante a votação.

15 minutos | A contagem dos votos será realizada e, em caso de empate, a turma irá discutir qual assunto deve ou não entrar no jornal. Em torno de 3 a 5 pautas devem ser selecionadas.

20 minutos | As pautas escolhidas serão debatidas na roda, é importante que falem das próprias vivências, apresentem ideias e sugestões.

FECHAMENTO

5 minutos | Apresente a proposta da próxima oficina e solicite que cada aluno elabore uma pergunta para entrevistar a cozinheira da escola. As perguntas devem ser solicitadas em conjunto com o dever de casa e entregues na segunda-feira (09/06). Importante alinhar com a professora para que ela envie as perguntas via email ou whatsapp, antes do próximo encontro.

Registros: A oficina será registrada através de fotografias.

4.5 - OFICINA 3 – Entrevista

Duração: duas horas/aula (1h40min)

Durante a oficina, os alunos terão a oportunidade de entrevistar e apurar sobre uma pauta que apresentaram na oficina de contato: a escolha das refeições escolares. As crianças poderão fazer perguntas elaboradas por eles mesmos após a seleção da mediadora. Além dessa dinâmica, a turma fará a votação para selecionar o logotipo e a mascote do jornal. O momento será importante para colocarem em prática o exercício da cidadania, o respeito à democracia e à coletividade. A dinâmica também será uma escolha editorial, de maneira a refletir no jornal os gostos da turma e a mensagem que desejam passar.

HABILIDADES: ler (letramento da informação), escrever (autoexpressão) e participar (participação cívica).

MATERIAIS: lápis ou caneta e cédulas impressas.

AULA 1

ATIVACÃO

5 minutos | Relate aos alunos as suas observações sobre as perguntas que eles elaboraram, pontue os aspectos principais e explique que apenas algumas perguntas foram selecionadas. Os alunos devem organizar as mesas em um círculo. Selecione os estudantes que irão ler as perguntas.

DESENVOLVIMENTO

40 minutos | Entrevista com Débora Souza, nutricionista do quadro técnico do setor de alimentação escolar da prefeitura de Mariana. Débora tem 40 anos de idade, é formada em nutrição pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especialista em alimentação nutricional e escolar, mestre em saúde e nutrição e doutora em ciências biológicas.

Perguntas:

- 1- Como a alimentação da merenda escolar é planejada para ser saudável e nutritiva para os alunos?
- 2- Explique sobre a logística da alimentação escolar no município, desde a escolha dos cardápios, até o preparo na escola.
- 3- Qual a importância de higienizar os alimentos e como essa etapa é feita?
- 4- Por que a alimentação escolar é importante para o aprendizado?
- 5- Os alunos com restrições alimentares, como intolerância à lactose ou alergia à glúten, têm opções especiais na merenda?
- 6- Existem alimentos que são melhores ou piores para a saúde?
- 7- A merenda escolar no município atende, ao todo, quantos alunos?
- 8- Quais hábitos alimentares diários são importantes para o desenvolvimento das crianças?

FECHAMENTO

5 min | Ao final, sinalize que o tempo da entrevista chegou ao fim. Agradeça a presença da entrevista e comunique aos alunos sobre a dinâmica da próxima aula.

AULA 2

ATIVAÇÃO

15 minutos | Enquanto um aluno distribui o material (cédulas para votação), relembre que durante as oficinas de contato, em 2024, o aluno Gabriel Alisson do Carmo sugeriu que o nome do jornal fosse “Maritaca”. A sugestão foi acatada e pensando nisso, eles irão exercer um papel importante para o desenvolvimento do jornal: votar no logotipo e no mascote do jornal.

DESENVOLVIMENTO

20 minutos | Apresente as opções aos alunos e solicite que individualmente cada um vote na cédula que recebeu. Reforce que a atividade está ligada ao exercício da cidadania, de modo que no futuro eles terão o direito e a obrigação de votar nos representantes políticos.

5 minutos | Faça a contagem para que todos vejam. Em seguida, apresente as opções selecionadas pela maioria.

FECHAMENTO

10 minutos | Explique aos alunos que a próxima oficina será para edição de alguns materiais do jornal, como fotografia, ilustração e textos. Solicite também que levem perguntas para entrevistar o convidado da oficina 6 (a pessoa entrevistada será determinada previamente a partir do que apresentaram na Oficina 2 - Reunião de Pauta).

Observação: A matéria sobre a entrevista será realizada pela mediadora.

Registros: A oficina será registrada através de fotografias e gravação de voz.

4.6 - OFICINA 4 - Produção e edição parcial

Duração: duas horas/aula (1h40min)

É importante que as crianças compreendam que o desenvolvimento do jornal é composto por diversas pessoas e com tarefas delimitadas para cada integrante. Em grandes jornais existem profissionais para executar cada função e a oficina pretende colocar em prática atividades que possam ser feitas concomitantemente e delegadas de acordo com o interesse e habilidades dos alunos. Nesse momento eles poderão experimentar um pouco da redação e edição de um jornal. Vale destacar que provavelmente nem todos fiquem contentes com a divisão das tarefas, mas é importante que essas escolhas sejam decididas em conjunto e respeitando um ao outro.

MATERIAIS: impressão com trechos recortados da matéria, impressão das fotografias, impressão da ficha literária, lápis ou caneta e lápis de colorir.

HABILIDADES: ler (letramento da informação e análise crítica da mídia), escrever (autoexpressão) e participar (participação cívica).

AULA 1

ATIVACÃO

20 min | Divida os grupos de acordo com as tarefas e habilidades com que se identificam. É importante que eles participem das tomadas de decisões durante a distribuição e em relação ao conteúdo que fará parte do jornal. A divisão deve conter:

- Dois alunos para produzirem uma indicação literária
- Três alunos para ilustrarem a mascote
- Dois grupos com cinco alunos para revisão e edição das matérias
- Um grupo de cinco alunos para escolha das fotografias
- Um grupo de quatro alunos para escolha das fotografias

DESENVOLVIMENTO

50 min | Após o momento de organização, é importante que todos os grupos façam suas tarefas ao mesmo tempo. A mediadora ficará responsável por acompanhar os processos, fazer perguntas norteadoras e tirar dúvidas. As perguntas podem ser:

- 1- Vocês acreditam que essa matéria explica as dúvidas que vocês ou outras crianças tinham sobre o assunto?
- 2- Esse é um tipo de texto que gostariam de ver em um jornal?
- 3- Outras crianças se interessaram por esse assunto?
- 4- Vocês compreendem bem da maneira que foi escrito?
- 5- Quais fotografias acreditam que melhor retratam o momento?
- 6- Essa fotografia reflete bem a pauta?

FECHAMENTO

5 min | Sinalize que o tempo para execução acabou e devem se preparar para explicarem as anotações.

AULA 2

DESENVOLVIMENTO

15 min | Com as tarefas concluídas, cada grupo vai apresentar as alterações que fez, o que desenhou ou selecionou. É importante que eles expliquem as escolhas que fizeram e como acreditam que esses conteúdos irão impactar outras crianças leitoras. Na ocasião, os demais colegas poderão comentar.

FECHAMENTO

10 min | Explique aos alunos sobre a proposta da próxima oficina: eles terão a oportunidade de retomar tudo o que aprenderam durante as entrevistas. É importante que eles coloquem em prática os conhecimentos e habilidades adquiridas e sejam protagonistas dessa dinâmica.

Registros: A oficina será registrada através de fotografias.

4.7 - OFICINA 5 - Entrevista

Duração: duas horas/aula (1h40min)

A oficina busca consolidar o aprendizado dos alunos, tendo como base a Oficina 1 - Entrevista. Nesse momento, eles estarão mais familiarizados com a dinâmica de entrevista e apuração, podendo conduzir a situação de maneira mais livre e espontânea. A proposta é que eles sejam mais independentes, tendo em vista que participaram de todo o processo, desde a reunião de pauta. Vale destacar que a escolha da pessoa entrevistada será determinada a partir da Oficina 2 - Reunião de pauta.

HABILIDADES: ler (letramento da informação), escrever (autoexpressão) e participar (participação cívica e cidadania digital).

MATERIAIS: papel, lápis ou caneta.

AULA 1

ATIVACÃO

10 minutos | A oficina retomará a dinâmica exercida na Oficina 1 - Entrevista, porém, com as aulas invertidas. É importante lembrar com os alunos como foi o momento, como realizar uma entrevista e que agora eles já estão mais acostumados com essa dinâmica.

DESENVOLVIMENTO

15 minutos | Em grupos de 4 a 5 integrantes, os alunos irão listar uma ou duas perguntas que eles gostariam de realizar ao entrevistado.

20 minutos | Cada grupo deve escolher um representante para ler as anotações e explicar o que pensaram. Essas perguntas serão comentadas por todos e adaptadas caso seja necessário. Será determinada a ordem e cada grupo ficará responsável por realizar uma pergunta durante a entrevista.

FECHAMENTO

5 minutos | Sinalize aos alunos para se prepararem para a entrevista.

AULA 2

ATIVACÃO

2 minutos | O entrevistado será recepcionado pela turma.

DESENVOLVIMENTO

45 minutos | Entrevista com o artista plástico, professor e restaurador, Carlos Eduardo Souza Campos, sobre o museu Minas Gogô. Carlos Eduardo é formado pela Universidade Federal de Minas Gerais em Licenciatura Plena em Desenho e Plástica.

FECHAMENTO

3 minutos | Explique aos alunos que na próxima oficina eles farão a edição final do jornal, assim como fizeram na Oficina 4 - Produção e edição parcial.

Registros: A oficina será registrada através de fotografias e gravação de voz.

4.8 - OFICINA 6 - Produção e edição final

Duração: duas horas/aula (1h40min)

Assim como fizeram na edição parcial, os alunos ficarão responsáveis pelo fechamento do jornal. A turma vai editar os últimos materiais que foram produzidos e analisar todo o conteúdo. É o momento decisivo para fazer alterações.

MATERIAIS: impressão com trechos recortados da matéria, impressão de fotos e lápis ou caneta.

HABILIDADES: ler (letramento da informação e análise crítica da mídia), escrever (autoexpressão) e participar (participação cívica).

AULA 1

ATIVAÇÃO

20 min | Divida os grupos de acordo com as tarefas e habilidades com que se identificam ou com o que gostariam de fazer dessa vez. A divisão deve conter:

- Dois grupo de 6 alunos para edição de texto
- Dois grupos de 6 alunos para escolha das fotografias

DESENVOLVIMENTO

50 min | Após o momento de organização, é importante que todos os grupos façam suas tarefas ao mesmo tempo. A mediadora ficará responsável por acompanhar os processos, fazer perguntas norteadoras e tirar dúvidas.

FECHAMENTO

5 min | Sinalize aos alunos que o tempo para edição foi finalizado.

AULA 2

DESENVOLVIMENTO

20 min | Com as tarefas concluídas, cada grupo vai apresentar as alterações que fez. É importante que eles expliquem as escolhas que fizeram e como acreditam que esses conteúdos irão impactar outras crianças leitoras. Na ocasião, os demais colegas poderão comentar. Nesse momento, a turma poderá ver todos os materiais que irão compor o jornal, é o momento para opinar, sugerir alterações e elaborar críticas.

FECHAMENTO

5 min | Explique aos alunos sobre a proposta da próxima oficina: será apresentada a versão final do jornal, podendo fazer apontamentos e um momento de despedida.

Registros: A oficina será registrada através de fotografias.

4.9 - OFICINA 7 - Encerramento

Duração: uma hora aula (1h40min)

A última oficina é dedicada à apresentação da versão final do jornal e conversa livre com os alunos. O momento será importante para que vejam o trabalho que produziram, opinem e

compartilhem como se sentiram durante o processo. Para a mediadora, será o momento para recolher os relatos e desempenhar uma escuta ativa.

MATERIAIS: impressão dos certificados, impressão do jornal, impressão do questionário e papel ou caneta.

HABILIDADES: ler (letramento da informação e análise crítica da mídia), escrever (autoexpressão) e participar (participação cívica e cidadania digital).

AULA 1

ATIVACÃO

5 minutos | Organize com os alunos uma roda de conversa. Explique que as oficinas chegaram ao fim e por isso é importante que eles vejam o trabalho que produziram juntos.

DESENVOLVIMENTO

5 minutos | Distribua uma impressão do jornal para cada aluno e uma folha com um questionário. Enquanto isso, informe que primeiro farão uma leitura e análise do material em grupo e após esse momento poderão preencher as perguntas individualmente.

20 minutos | Leia o jornal com as crianças e aproveite o momento para uma conversa livre.

15 minutos | Nesse momento, os alunos irão responder o questionário:

- 1- Como você se sentiu ao produzir um jornal?
- 2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças?
- 3- O que achou do jornal que produzimos juntos?
- 4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias?

5 min | Sinalize aos alunos o fim do tempo para preencher o formulário.

AULA 2

ATIVACÃO

10 minutos | Pergunte aos alunos se eles gostariam de responder essas mesmas perguntas em voz alta. Fale também como se sentiu e o que notou durante as oficinas.

DESENVOLVIMENTO

5 minutos | Explique a eles que, para finalizar as oficinas, eles irão receber um certificado.

20 minutos | Em ordem alfabética, chame cada aluno para ir até a frente da sala receber o seu certificado.

FECHAMENTO

15 minutos | Momento de despedida. Agradeça a participação dos alunos, da professora e da escola. Relate suas observações e explique os próximos passos do trabalho, como a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso e a publicação.

Registros: A oficina será registrada através de fotografias.

5. DIÁRIO DE CAMPO

5.1 - OFICINA 1

Realizada no dia 5 de junho, a primeira oficina contou com a presença de 22 alunos e com o auxílio da estudante de jornalismo Milena Pereira Macedo. O entrevistado, Tiago Lage, foi previamente orientado para evitar o uso de palavras no diminutivo e utilizar os termos necessários para responder às perguntas, ainda que fossem técnicos. Durante a entrevista, os alunos respeitaram o planejamento, escutaram com atenção e alguns tomaram nota das informações que consideraram mais relevantes. Espontaneamente, ao final, as crianças realizaram perguntas sobre animais e questões que eram de curiosidade delas. O representante do Instituto Habitat também apresentou fotos e vídeos de maritacas que foram resgatadas. Esse momento foi alinhado, anteriormente, entre a assessoria de comunicação da instituição e a mediadora da oficina.

No segundo momento, os alunos apresentaram dificuldade para se organizarem em grupos sem interferência da mediadora. Dessa maneira, a atividade proposta levou mais tempo que o previsto para ser iniciada, por isso não foi possível que os grupos apresentassem à turma os tópicos que consideraram mais importantes durante a entrevista. Através das anotações, foi possível perceber que grande parte dos alunos compreendeu bem as informações, prestou atenção e soube transmitir o que aprendeu. Por outro lado, a Figura 8 se destaca por não apresentar o conteúdo requisitado na oficina. Ainda que o comando da atividade tenha sido repassado, diversas vezes, fica perceptível que o grupo não conseguiu realizar o que foi orientado, resultado de um comportamento dispersivo durante a dinâmica. As anotações realizadas foram:

Figura 3 - Grupo 1

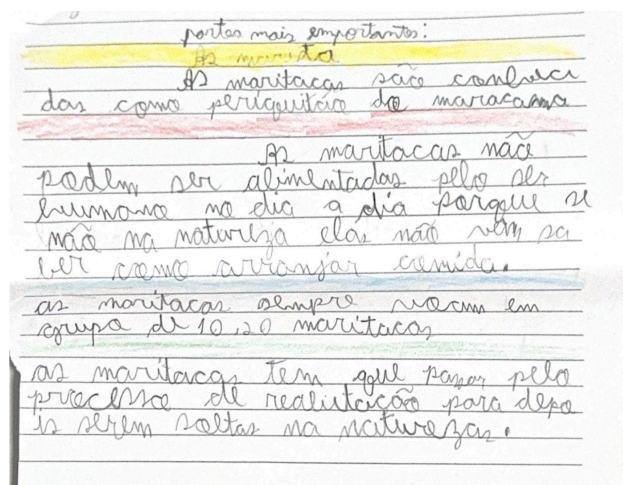


Figura 4 - Grupo 2

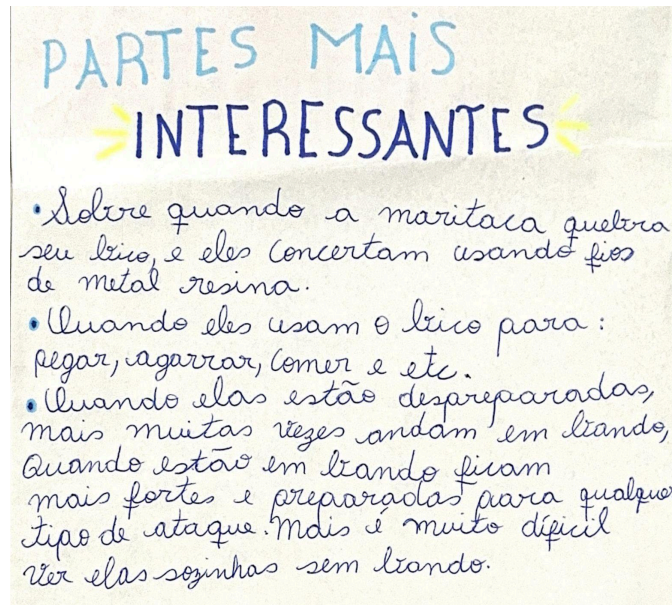


Figura 5 - Grupo 3

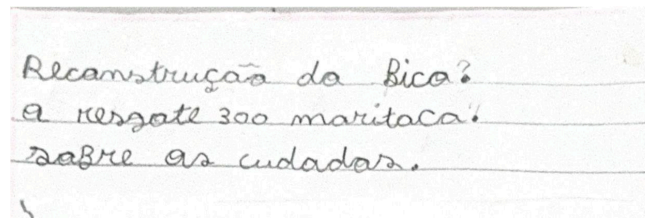


Figura 6 - Grupo 4

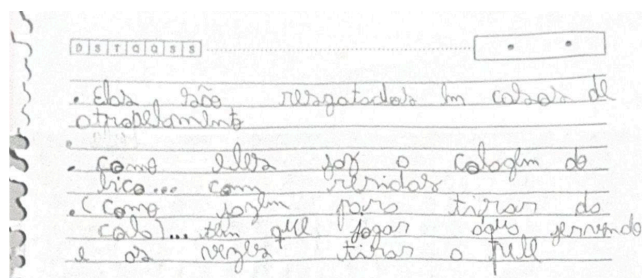


Figura 7 - Grupo 5

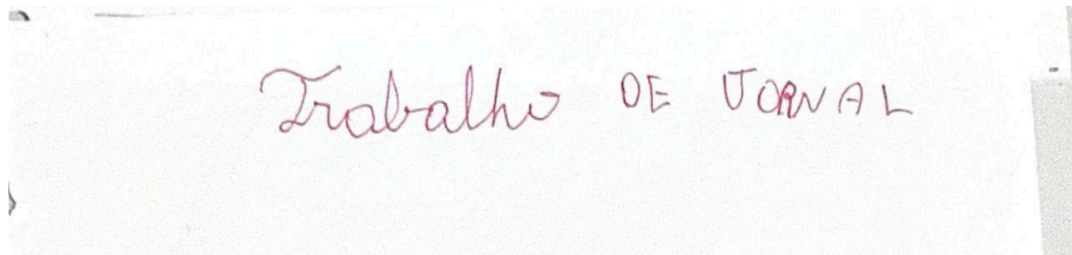


Figura 8 - Grupo 6

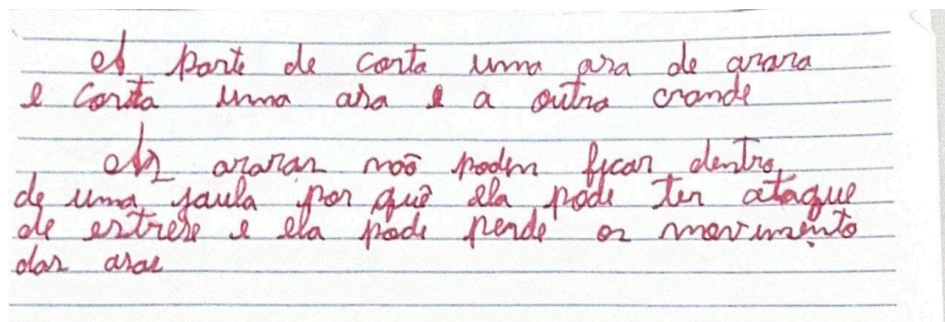
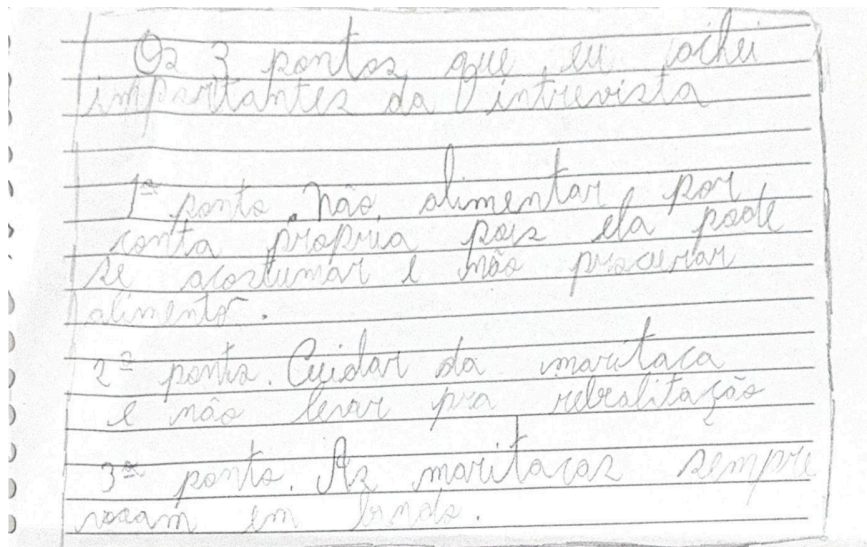


Figura 9 - Grupo 7



5.2 - OFICINA 2

A segunda oficina ocorreu no dia 12 de junho, com a presença de 22 alunos. A atividade não se desenvolveu como o planejado, pois nenhum dos alunos se recordou de elaborar uma pauta. Diante disso, foi necessário repensar a dinâmica da oficina, que se estabeleceu primeiro em

um momento de diálogo coletivo, para que os alunos pudessem refletir sobre temas locais de interesse pessoal e provavelmente relevantes para outras crianças do município.

A partir dessa conversa, eles tiveram cerca de 30 minutos para elaborarem individualmente suas pautas. Em seguida, cada aluno foi à frente da sala para explicar brevemente a sua pauta e fixar a ficha no quadro. As pautas que não estavam relacionadas a temas locais foram desconsideradas da votação e as demais foram agrupadas em colunas pelos seguintes temas e quantitativo: cachorros (2), igrejas (1), natureza (1), rompimento da barragem (4), visita do presidente (6), clima (2), inauguração da farmácia (1) e Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) (1).

Nesse mesmo dia, o presidente Lula estava em Mariana para apresentar o novo acordo do Rio Doce em decorrência do rompimento da Barragem de Fundão, desastre-crime cometido pela Samarco/Vale/BHP Billiton. A presença do presidente influenciou a apresentação das pautas pelos alunos e também colaborou para que eles ficassem mais agitados durante a oficina, por curiosidade questionaram com frequência sobre o tema e se levantaram algumas vezes para observar os helicópteros que sobrevoavam a região.

Durante a votação, que ocorreu de forma aberta, os alunos tentaram interferir nas escolhas dos colegas. Foi necessário orientar que não atrapalhassem nas decisões dos outros e que não depositassem todos os seus três votos em uma única pauta. O resultado foi:

- Igrejas: 11 votos
- Visita do presidente: 10 votos
- Rompimento da barragem: 10 votos
- Inauguração da farmácia: 8 votos
- Cachorros: 7 votos
- Proerd: 6 votos
- Clima e natureza: 5 votos

Figura 10 - Pauta sobre as igrejas históricas

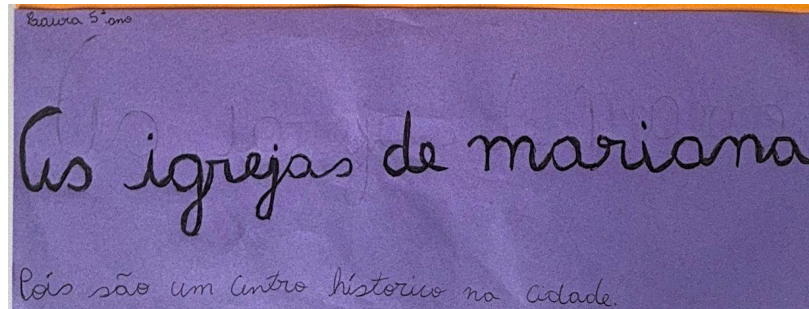


Figura 11 - Pautas sobre presença do presidente Lula em Mariana

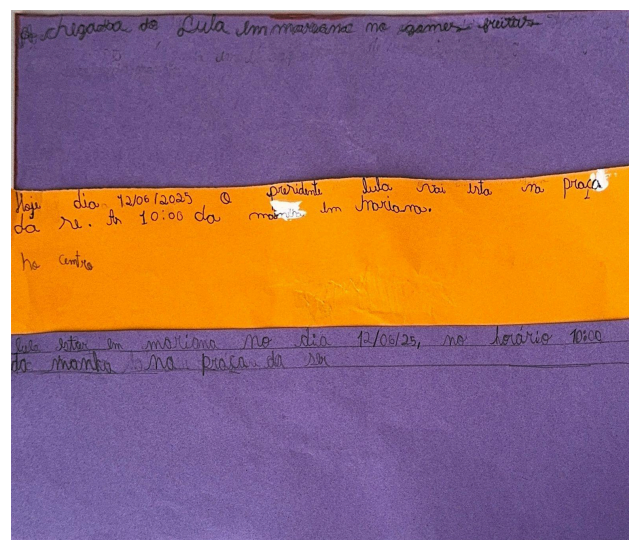


Figura 12 - Pautas sobre a presença do presidente Lula em Mariana

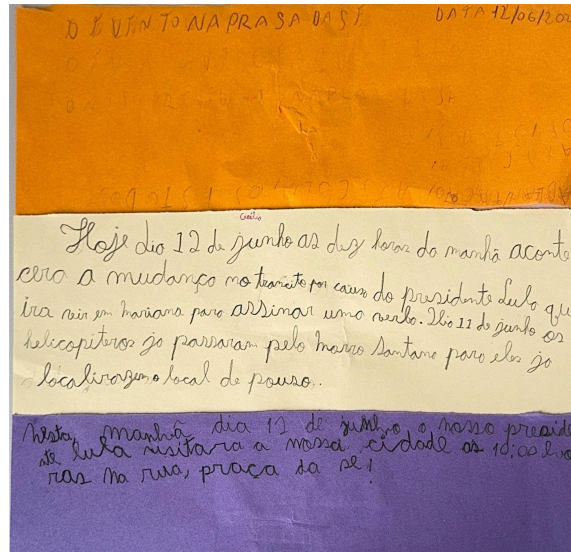


Figura 13 - Rompimento da Barragem de Fundão

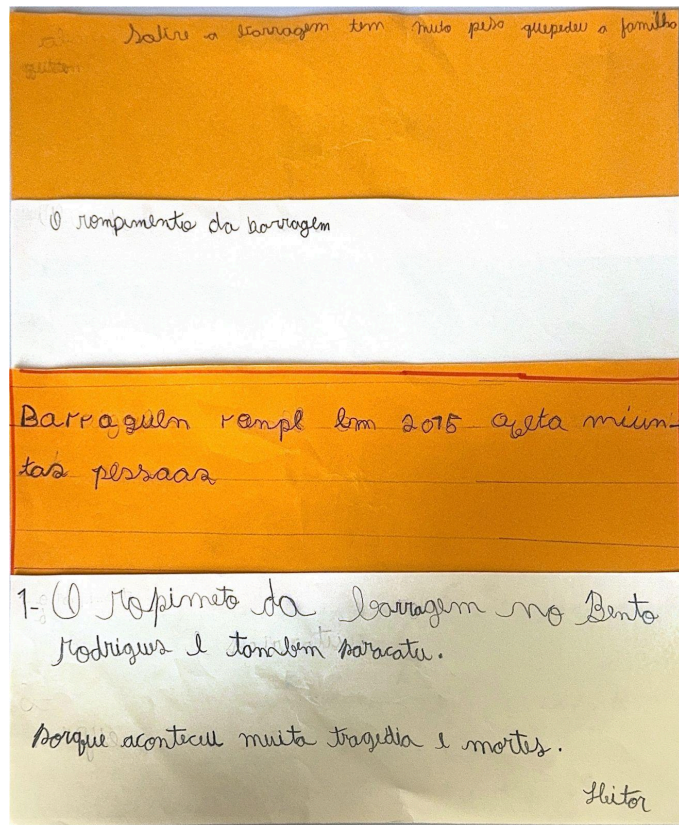


Figura 14 - Pauta sobre Inauguração da farmácia

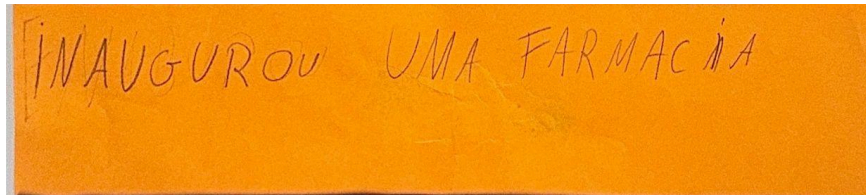


Figura 15 - Pautas sobre os cachorros na cidade

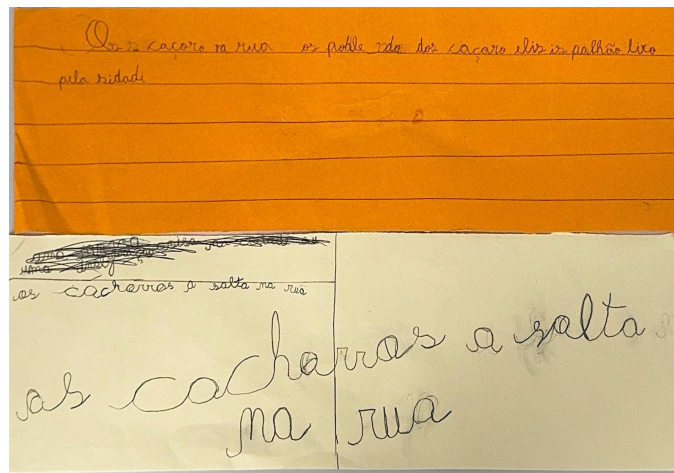


Figura 16 - Pauta sobre o PROERD

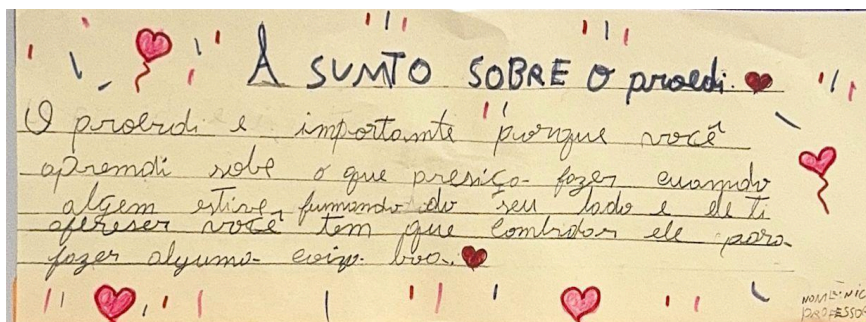
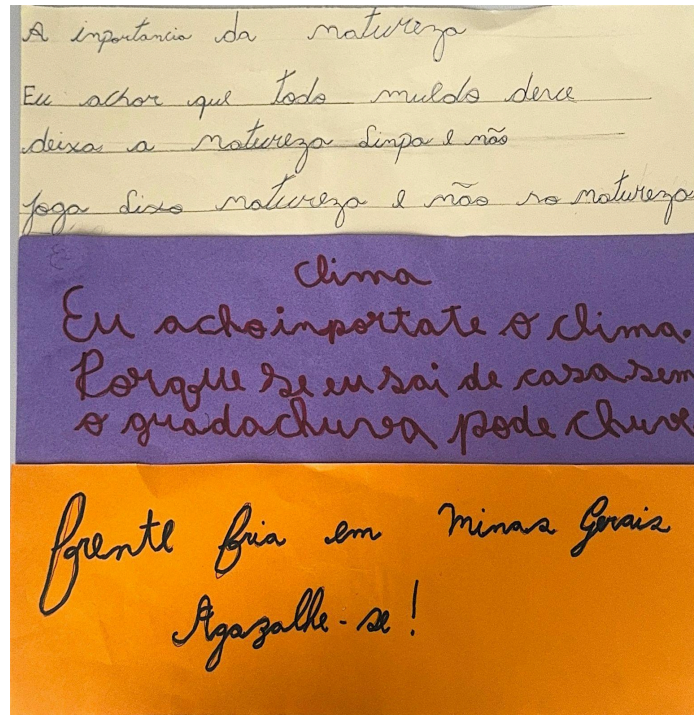


Figura 17 - Pautas sobre clima e natureza



5.3 - OFICINA 3

A terceira oficina foi reagendada para o dia 18 de junho, para que os alunos elaborassem as perguntas e a professora as enviasse, em tempo hábil, para a mediadora. Ao todo, 14 alunos elaboraram as perguntas e 21 participaram da oficina com a nutricionista Débora Souza.

Inicialmente, foi necessário inverter a ordem das aulas, pois a entrevistada se atrasou para chegar à escola. Ou seja, no primeiro momento, os alunos votaram o logotipo, mas o mascote não foi apresentado para votação, por uma escolha editorial da mediadora. A votação foi individual e secreta. O resultado da votação foi:

- Logotipo 1: 1 voto
- Logotipo 2: 19 votos
- Abstenção: 1

Figura 18 - Opções de logotipo para o jornal

1



2



Devido ao contratempo, as orientações sobre a linguagem a ser utilizada com as crianças não foram passadas à entrevistada, o que foi perceptível em um discurso com o uso excessivo de diminutivos e a adaptação intencional para não utilizar termos técnicos. Durante a oficina, alguns alunos precisaram se ausentar por cerca de cinco minutos para realizarem uma atividade de reforço escolar, essa situação não comprometeu o andamento da dinâmica, mas impediu que todos os alunos estivessem presentes integralmente. Ao final, espontaneamente, os alunos questionaram à nutricionista se alguns alimentos poderiam ser consumidos na escola e por isso foi solicitado que anotassem o que gostariam de consumir no cardápio escolar e entregassem as anotações na próxima oficina.

5.4 - OFICINA 4

A oficina contou com a presença de 21 alunos e com o auxílio da estudante de jornalismo Marcella Torres. Para divisão das tarefas, as funções de ilustração e recomendação literária foram determinadas pela mediadora com o auxílio da professora, respeitando as habilidades e interesses

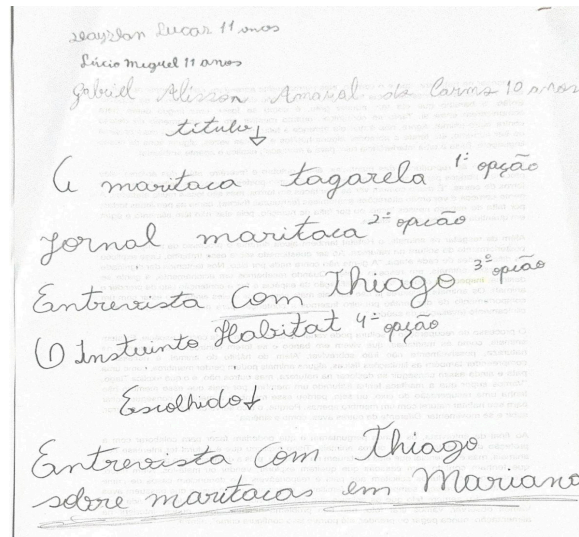
dos alunos. Por outro lado, os grupos de edição de texto e seleção de fotos poderiam ser determinados pela vontade de cada um, mas apenas alguns escolheram onde gostariam de atuar, o que foi solucionado de maneira aleatória pela mediadora. Durante a execução da atividade, alguns alunos pediram para trocar de função, mas não foi permitido.

A oficina teve o seu tempo de duração reduzido em 30 minutos, pois, no mesmo dia, a escola estava recebendo a visita do “Galo Doido”, mascote do clube de futebol Atlético Mineiro. Tal alteração foi sinalizada poucos minutos antes, o que impossibilitou a apresentação dos alunos sobre os materiais que editaram e produziram. Além disso, ficou evidente a dificuldade de realizarem atividades em grupos simultaneamente, uma vez que diversos grupos apresentaram dificuldades de organização e respeito entre os componentes.

Durante essa oficina, ficou ainda mais evidente o papel da professora na dinâmica em sala de aula. Na ocasião, ela precisou se ausentar para acompanhar os alunos responsáveis pela indicação literária até a biblioteca. A ausência da professora destacou a sua função como figura disciplinadora: na sua presença, ficam mais calmos, respeitam com mais frequência a ordem de falar e seguem com mais facilidade os comandos das atividades. Por outro lado, com sua ausência, é notável uma maior agitação, participações mais espontâneas e uso de tom de voz mais elevado.

Apesar das intercorrências, os grupos conseguiram entregar os apontamentos solicitados. O grupo responsável pela edição do texto correspondente à entrevista com o Tiago Lage, representante do Instituto Habitat, demonstrou dedicação e interesse na atividade, pontuaram apenas algumas dúvidas durante a leitura, como significado de palavras e sugeriram alguns títulos para a matéria.

Figura 19 - Sugestão de título



Já os integrantes do grupo responsável pela edição da matéria sobre alimentação escolar demonstraram certo desinteresse na atividade e pontuaram que o texto era muito extenso (tanto para prender a atenção dos alunos, quanto para entrar nos padrões da diagramação do jornal, o texto foi reduzido). Ainda que a proposta de edição do texto não tenha sido o momento mais animador para os alunos, por outro lado, a checagem de informações chamou a atenção. Como solicitado, alguns alunos levaram anotações sobre os alimentos que gostariam de consumir na escola e o grupo em questão ficou responsável por checar essas informações, os nomes e idades dos colegas.

Figura 20 - Lista de alimentos que desejam na alimentação escolar

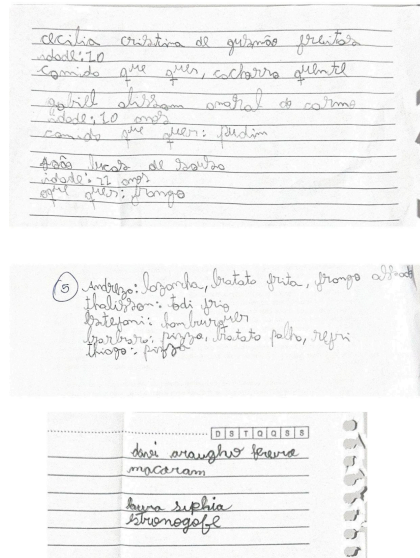
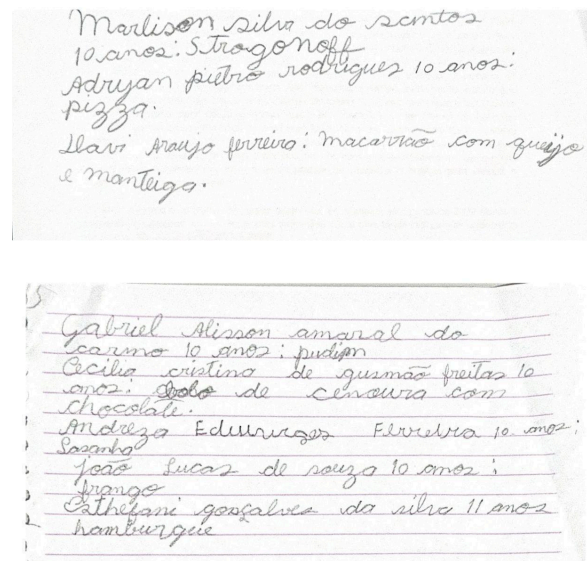


Figura 21 - Lista de alimentos que desejam na alimentação escolar



Os alunos que realizaram a edição de fotos ficaram responsáveis por selecionarem as fotos que gostariam que fossem utilizadas e a elaboração de legendas. Sendo o seguinte resultado:

Figura 22 - Foto de maritaca reabilitada



Fonte: Instituto Habitat

Figura 23 - Legenda elaborada pelos alunos

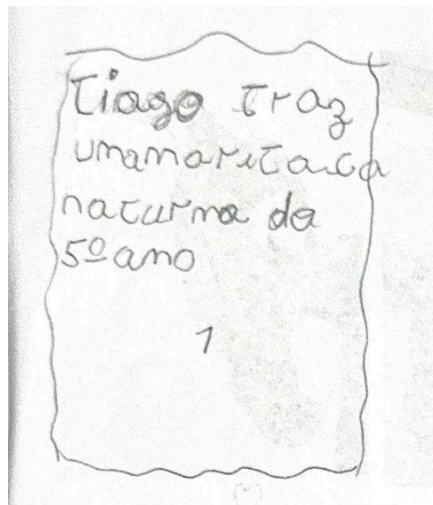


Figura 24 - Maritaca resgatada após cair em cola pega rato



Fonte: Instituto Habitat

Figura 25 - Legenda elaborada pelos alunos

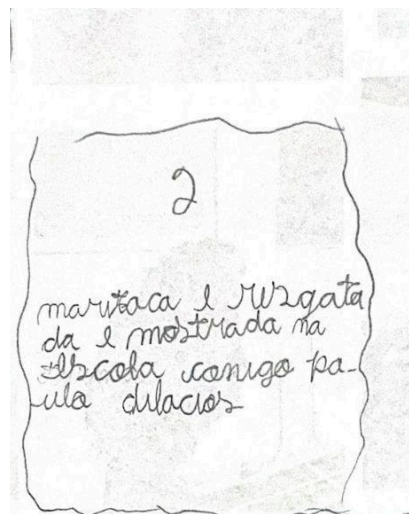


Figura 26 - Foto dos alunos após entrevista com Tiago Lage



Fonte: Milena Pereira

Figura 27 - Legenda elaborada pelos alunos

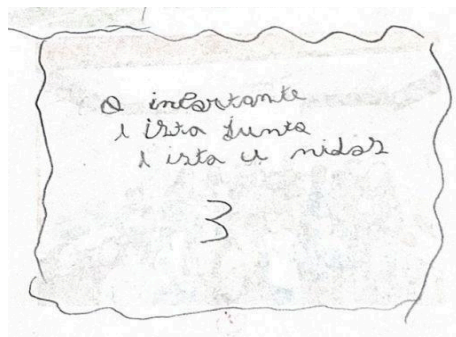


Figura 28 - Oficina de entrevista com Débora Souza



Fonte: Isabela Jorge

Figura 29 - Legenda elaborada pelos alunos

1- No dia 18 de Junho de 2025 as
crianças receberam uma notícia
da Débora. Elas apresentaram atenção na
aula e depois fizeram a pergunta
para Débora.

Figura 30 - Foto após entrevista com nutricionista



Fonte: Geizibel Alves

Figura 31 - Legenda elaborada pelos alunos

2- No final da aula, as crianças desfilaram a Debora, em lembranças tiraram uma foto.

Figura 32 - Indicação Literária

Por onde andará o vaco amarelo?

Era uma vez um vaco amarelo. Certo dia o vaco amarelo pulou o gado e quem falou como o bato dele. Mas não nunca. É perguntar onde o vaco amarelo foi parar? Era que ele foi parar lá no paró com o intuito de fazer um ché.

Pois se você quer saber a onde ele está? Basta ler o livro "Por onde andará o vaco amarelo?"

Alto: Adriano Bitarões Netto

ilustrados: Marlette Menezes

numero de paginas: 31 paginas

Personagem principal: O vaco amarelo

5.5 - OFICINA 5

Devido às provas escolares, foi necessária a realização da oficina no dia 01 de junho. O momento contou com a presença de 23 alunos e o entrevistado foi o professor e artista plástico Carlos Eduardo Campos. Com base na experiência da última oficina, as perguntas foram elaboradas por todos os alunos, com auxílio da mediadora. Algumas perguntas foram respondidas espontaneamente pelo convidado, sem a necessidade de realizá-las. Devido ao interesse da turma e da professora na temática abordada, foi possível estender a entrevista por mais uma hora-aula.

Assim como na última oficina foi notável que a ausência da professora exerce uma interferência na dinâmica, a sua presença também. Na ocasião, a professora propôs e cedeu mais tempo para a realização da entrevista, o que proporcionou uma troca maior entre o entrevistado e os alunos. As crianças tiveram mais tempo para sanarem dúvidas e curiosidades e de conhecerem os objetos do museu Minas Gogô levados pelo Carlos Eduardo, como esculturas de madeira, um brunidor e réplicas de chaves. As perguntas realizadas ao entrevistado foram:

- 1- Como surgiu o bairro Morro Santana?
- 2- Por que ele é conhecido como Gogô?
- 3- Qual a importância do sítio arqueológico para Mariana?
- 4- Como surgiu o Museu Minas Gogô?
- 5- Quando e como é possível visitar o Museu?

5.6 - OFICINA 6 e 7

A oficina foi realizada no dia 19 de novembro, pois foi necessário mais tempo do que o planejado para estruturar o jornal de modo que ficasse adequado à linguagem das crianças e também visualmente atraente ao olhar delas. Por isso, a oficina 6 foi integrada à programação da oficina 7. O momento contou com a presença de 18 crianças. Inicialmente, o jornal foi distribuído e lido com os alunos. Nesse momento, eles pontuaram sugestões e possíveis alterações, como: cores dos quadros, fotos e ilustrações a serem acrescentadas. Posteriormente, eles preencheram individualmente o questionário com as seguintes perguntas:

- 1- Como você se sentiu ao produzir um jornal?
- 2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças?
- 3- O que achou do jornal que produzimos juntos?
- 4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias?

Alguns alunos leram em voz alta suas respectivas respostas e um deles não executou a atividade proposta. Ao final, foi distribuído um certificado de participação e uma lembrancinha como agradecimento. É importante ressaltar que não podemos subestimar as suas habilidades de observação e expressão. Muitos deles pontuaram correções que já estavam previstas pela mediadora, o que comprova que observaram com atenção todos os aspectos do material. Ao analisar as respostas do questionário, também é possível observar diferentes posicionamentos sobre os jornais e o jornalismo. Alguns deles responderam que agora gostam mais de consumir notícias, por outro lado, outros já dizem não ter mudado de hábito e continuam desinteressados. Por isso, vale destacar a necessidade de toda a sociedade influenciar as crianças e adolescentes a acompanharem as notícias, não sendo um papel exclusivo aos jornalistas, comunicadores ou educadores. As respostas foram as seguintes:

Figura 33 - Questionário Final

The image shows two pages of a handwritten questionnaire. Each page contains four questions, numbered 1 to 4. The handwriting is in Portuguese and appears to be from children.

Page 1 (Left):

- 1- Como você se sentiu ao produzir um jornal?
Eu me senti alegre gostei
- 2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças?
sim porque é legal ler e eu sou gostar muito
- 3- O que achou do jornal que produzimos juntos?
legal bonito e charmosa
- 4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias?
sim eu quero ler mais jornais

Page 2 (Right):

- 1- Como você se sentiu ao produzir um jornal?
foi muito legal e divertido
- 2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças?
sim porque eu posso aprender mais
- 3- O que achou do jornal que produzimos juntos?
sim eu achei muito divertido
- 4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias?
sim porque eu sei ler e escrever

Figura 34 - Questionário Final

1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <u>Eu gostei de fazer e depois eu gostei de aprender.</u>	1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <u>Eu me senti outra pessoa, porque eu nunca pensei que eu ia produzir um jornal.</u>
2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <u>Sim porque não se pode mais para a criança.</u>	2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <u>sim, porque esses jornais podem ser legal e divertidos.</u>
3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <u>eu a chei legal.</u>	3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <u>Eu achei legal porque agente fez juntos e foi muito divertida.</u>
4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <u>Sim porque não se pode mais para a criança.</u>	4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <u>sim, porque antes não achava ruim mais agora não eu to gostando mais.</u>

Figura 35 - Questionário Final

1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <u>Eu me senti algo animado</u>	1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <u>Eu gostei muito, porque eu gostei de fazer e depois eu gostei de aprender.</u>
2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <u>sim porque seria mais interessante ler mais para criança espalada pela cidade</u>	2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <u>sim, porque não se pode mais para a criança.</u>
3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <u>super divertido, muito bom, muita coisa</u>	3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <u>Eu achei muito legal, porque eu gostei de fazer e depois eu gostei de aprender.</u>
4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <u>sim, porque todos os dias eu vejo no jornal na televisão da minha casa o noticiário</u>	4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <u>na mídia, porque eu gostei de fazer e depois eu gostei de aprender.</u>

Figura 36 - Questionário Final

1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <i>eu me sentiu ansioso e alegre de participar de um jornal nunca participei mais eu acho muito bom.</i>	1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <i>Eu me senti calmo e tentei da a minha melhor para o jornal.</i>
2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <i>sim gostaria são muito bom e legal.</i>	2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <i>sim eu gostaria muito de mais de um e sim um monte</i>
3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <i>muito legal criativa muito bom eu esperava menos.</i>	3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <i>Eu achei excelente ficou bom eu gostei muito mesmo</i>
4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <i>sim as notícias me afetam sempre.</i>	4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <i>sim bastante ate que eu gosto e eu estou muito interessado</i>

Figura 37 - Questionário Final

1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <i>Eu me senti muito bem e adorei participar desse jornal. No futuro se possível gostaria de criar mais conteúdos para o jornal.</i> 2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <i>Sim, eu adoraria ter a possibilidade de ler todos esses jornais infantis.</i> 3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <i>Eu adorei se pudesse ler tudo de uma só vez, de uma só vez, com o mesmo assunto.</i> 4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <i>Sim, algumas notícias começaram a me chamar muito atenção, logo depois do finalização do nosso jornal.</i>	1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <i>Adorei pois que eu gostei muito de participar.</i> 2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <i>Mas não que eu não gostei.</i> 3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <i>Muito bom.</i> 4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <i>Muito gostei.</i>
---	--

Figura 38 - Questionário Final

1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <i>Eu gostei de fazer o jornal</i> 2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <i>Não, eu não que é chato</i> 3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <i>Eu gostei de fazer ficar legal</i> 4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <i>Não, por que demora a passar notícia</i>	1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <i>Não, não como se nada aconteceu.</i> 2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <i>Não, não gostei de ler jornal infantil</i> 3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <i>Ficou bom esse jornal, o nome é engraçado.</i> 4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <i>Não, não esse jornal ficou bom.</i>
---	--



Figura 39 - Questionário Final

1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <i>bom tempo eu gostei bastante</i>	1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <i>me senti importante, porque não é todos que podem produzir um jornal!</i>
2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <i>sim, porque esses jornais são educativos</i>	2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <i>sim, porque tem assuntos de crianças, assuntos legais que põem feito especificamente para crianças.</i>
3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <i>foi legal, mas a experiência foi boa.</i>	3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <i>achei legal, porém esperava mais. mas tenho certeza que tanto o público adulto quanto infantil vai amar.</i>
4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <i>sim, em pouco mais, pois antes não estava interessado em notícias.</i>	4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <i>não, porque nunca me interessei por notícias.</i>

Figura 40 - Questionário Final

1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <i>Eu me senti feliz, porque eu não sou muito bom em escrever, mas eu gostei de fazer o jornal.</i>	1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <i>Eu me senti feliz, porque eu não sou muito bom em escrever, mas eu gostei de fazer o jornal.</i>	1- Como você se sentiu ao produzir um jornal? <i>Eu me senti muito ansioso, porque eu não sou muito bom em escrever, mas eu gostei de fazer o jornal.</i>
2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <i>Sim, porque eu gosto de ler jornais para crianças, mas eu não sou muito bom em escrever, mas eu gostei de fazer o jornal.</i>	2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <i>Sim, porque eu gosto de ler jornais para crianças, mas eu não sou muito bom em escrever, mas eu gostei de fazer o jornal.</i>	2- Você gostaria de ler mais jornais para crianças? <i>Sim, porque eu gosto de ler jornais para crianças, mas eu não sou muito bom em escrever, mas eu gostei de fazer o jornal.</i>
3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <i>Eu acho que foi muito bom, porque eu não sou muito bom em escrever, mas eu gostei de fazer o jornal.</i>	3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <i>Eu acho que foi muito bom, porque eu não sou muito bom em escrever, mas eu gostei de fazer o jornal.</i>	3- O que achou do jornal que produzimos juntos? <i>Eu acho que foi muito bom, porque eu não sou muito bom em escrever, mas eu gostei de fazer o jornal.</i>
4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <i>Sim, porque eu gosto de ler notícias, mas eu não sou muito bom em escrever, mas eu gostei de fazer o jornal.</i>	4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <i>Sim, porque eu gosto de ler notícias, mas eu não sou muito bom em escrever, mas eu gostei de fazer o jornal.</i>	4- Depois das nossas oficinas, você passou a se interessar mais por notícias? <i>Sim, porque eu gosto de ler notícias, mas eu não sou muito bom em escrever, mas eu gostei de fazer o jornal.</i>

6. PROJETO EDITORIAL

Ao pensar em um jornal infantil, foi necessário elaborar um projeto visual que despertasse a curiosidade e leitura das crianças. Algumas referências foram essenciais na busca de inspirações tanto para a diagramação, quanto para a escolha e exposição dos conteúdos, como o [Jornal Joca](#), o [Gigantes](#), jornal colaborativo feito com/para meninas e meninos no Uruguai, [Libinha](#), jornal infantil e [Quebra\[da\] Visão](#), jornal para adolescentes — ambas publicações dos alunos de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como Trabalho de Conclusão de Curso.

Diferente desses jornais citados, o jornal infantil *Maritaca* adotou o padrão de folheto. O conteúdo é apresentado em uma folha A4 frente e verso, de modo a facilitar a sua impressão e distribuição. A proposta busca deixar mais acessível a produção de mídia, para que as crianças, futuramente, tenham a possibilidade de desenvolver de maneira mais independente os conteúdos jornalísticos, tanto em termos de produção quanto de custos de impressão. A diagramação foi realizada no programa Adobe Illustrator pelo jornalista Cleverton Monteiro, graduado pela Universidade Federal de Ouro Preto, com a minha supervisão e correção.

A paleta de cores também foi pensada em tons que transmitissem energia e leveza. Composta por rosa pastel (#ff7db4), azul (#5173c2), amarelo (#ffc200) cores primárias e verde (#56bb70), cor secundária, equilibrando tons vibrantes (rosa e amarelo) com suaves (azul e verde). O verde, em especial, remete à ave *maritaca* e por isso a predominância dessa cor, representada no logotipo e cabeçalhos do jornal.

Figura 41 - Paleta de cores



O logotipo foi desenvolvido, também, sob minha supervisão e correção, por Christian Jorge, publicitário graduado pelo Centro Universitário Newton Paiva. A logo tem como componente o símbolo da *maritaca* em linhas simples, o escrito “*Maritaca*” em fonte Pesta Rakyat, caracterizada pelo traço mais arredondado e orgânico que remete à escrita das crianças, e “jornal infantil” na fonte Montserrat maiúscula, para dar equilíbrio. As tipografias foram utilizadas, respectivamente, nos títulos e textos que compõem o jornal e é possível realizar

diferentes aplicações do logotipo, a depender do espaço e material a ser utilizado, como cadernos de anotações, lápis ou bolsas.

Figura 42 - Logotipo



Figura 43 - Aplicação de logotipo



O jornal é composto por: editorial, uma coluna de indicação literária denominada como “Ninho de Histórias”, uma seção interativa e três matérias que representam assuntos de interesse dos participantes ou que estão relacionados com o cotidiano deles. O uso da imagem das crianças foi autorizado por elas e por seus responsáveis e as legendas das fotos foram inspiradas pelo trabalho que realizaram nas oficinas. No material, também é possível observar diversos símbolos gráficos lúdicos, como desenhos de alimentos, emoji e estrelas.

As entrevistas e conteúdos foram desenvolvidos a partir de pautas ligadas ao território e cotidiano das crianças. Os alunos, em uma das oficinas, apresentaram pautas locais e essas informações nortearam a escolha dos entrevistados. A partir do contato com esses temas, as crianças puderam desenvolver suas identidades, interesses e percepções.

Figura 44 - Frente do jornal

OUTUBRO DE 2025
1ª edição | Mariana - MG
Escola Municipal Córrego Paulo Dilásco
Jornalista responsável: Isabela Jorge
Diagramação: Cleverton Monteiro

DE TANTO FALAR, NASCEU O JORNAL MARITACA

Se você é uma criança que adora falar muito ou conhece alguém que também é bom de papo, talvez já tenha ouvido "fulano fala igual maritaca, nem deixa a gente responder" ou "você fala tanto que parece uma maritaca". Essas expressões são usadas para descrever uma pessoa que fala demais ou que fala rápido, comparando-a com a maritaca, uma ave que "fala" e "grita" bastante, principalmente quando está com o seu bando.

Andando por Mariana, é possível observar diversas maritacas voando pela cidade e algumas vezes dá até pra ouvi-las "gritando" "Kraaaki! Kraaaki!". Além desses animais, é possível ouvir outros dois grupos que fazem bastante barulho pela cidade as crianças e os jornalistas (ou estudantes de jornalismo) da Universidade Federal de Ouro Preto. Talvez nem todas as crianças falem muito, assim como existem exceções no jornalismo, mas de acordo com o imaginário popular (crença ou ideia em que muitas pessoas acreditam), esses dois grupos também falam como maritacas.

Em um dos encontros com os alunos da Escola Córrego Paulo Dilásco, o estudante Gabriel Alisson do Carmo (10), sugeriu: "O nome pode ser Maritaca, já que criança fala muito!". O nome do jornal estava escolhido, mas era preciso conhecer melhor essa ave. Por isso, chamamos o Tiago Lage (38), presidente do Instituto

Habitat, para explicar sobre as maritacas. O Instituto é uma organização voluntária de preservação ambiental que resgata animais em Mariana, desde 2021. Ao todo a equipe já resgatou cerca de 3.500 maritacas. De acordo com Tiago, é comum ver a espécie Periquito-maranhão no meio urbano, pois o crescimento da cidade tem invadido as áreas de vegetação. "Em alguns locais elas vivem de forma harmoniosa com os seres humanos, mas em outros, é possível ver interferências ruins, como o impacto da mineração ou pessoas que tentam caçar, prender ou matá-las", explica.

Dayslan Lucas (11) questionou sobre o fato de algumas maritacas "falarem" palavras e frases. "Se a gente for pensar na natureza, que é o correto, as maritacas possuem uma forma de comunicação delas, natural e dentro da espécie. O barulho que fazem é para se comunicarem e defenderem de outro animal. Quando estão

próximas do ser humano, podem aprender hábitos, como os sons da nossa linguagem. Essa é uma interferência ruim para elas", explica o agente ambiental.

Os alunos perguntaram o que poderiam fazer para colaborar com a proteção das maritacas e de outros animais. Tiago explicou que é natural ter interesse nos animais, mas é essencial que eles continuem na natureza, pois a domesticação pode facilitar o contato com pessoas que querem prejudicá-los. Orientou que os alunos peçam às famílias que denunciem casos de crime ambiental e conversem sempre com os familiares que possuem aves em casa.

MERENDA ESCOLAR FORTALECE APRENDIZADO

Arroz, feijão, carne e salada é uma refeição muito comum nas casas brasileiras e também nas escolas públicas do país. Além do almoço, os estudantes tomam café da manhã e da tarde, pois a alimentação escolar é um direito fundamental, assegurado pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que determina que todos os estudantes devem ter acesso à alimentação de qualidade, durante todos os dias de aula.

Para isso, o Governo Federal repassa às prefeituras um valor em dinheiro proporcional ao número de estudantes. Esse recurso é utilizado pelos profissionais responsáveis para planejar o cardápio e comprar os alimentos. O nutricionista, quem orienta sobre hábitos alimentares saudáveis, é fundamental nesse processo, pois compreende as necessidades nutricionais de cada idade, elabora os cardápios e certifica que a lei seja cumprida.

Debora Souza (40), nutricionista da Escola Córrego Paulo Dilásco, explicou sobre a importância da boa alimentação para o aprendizado. "Quando vocês estão com fome, conseguem prestar atenção em alguma coisa? E por isso que existe a alimentação escolar. Ela serve para deixar o nosso corpo em condições de se concentrar. Ninguém aprende com fome. Se a gente não tiver energia e as vitaminas certas para o cérebro, ele não consegue se desenvolver direito e não vai conseguir aprender", afirma.

Atualmente, a prefeitura de Mariana atende 7392 alunos e em algumas escolas, existem alunos com determinadas restrições alimentares, como alergia ou intolerância ao leite e lactose. Nesses casos, é necessário um laudo médico para comprovar essa restrição e em seguida, o município oferta outros alimentos, como o leite de soja.

Debora explicou que alguns alimentos não podem ser consumidos com frequência, pois possuem grandes quantidades de sal, açúcar e gordura. Depois dessa conversa, os estudantes contaram alguns alimentos que gostariam de comer no cardápio da escola. Confira quais são!

Bárbara Pereira
PIZZA, BATATA FRITA E REFEI

Dani Araújo
MACARRÃO COM QUEIJO E MANTIGA

Estefano da Silva
HAMBURGUER

Marlon dos Santos
STEAKHOUSE

CONHEÇA A NOSSA MASCOTE!

PARA A MARITACA CRIARVA
Maritaca é uma ave amarela e ADORA conversar! Um dia, ela pediu para as crianças desenharem um "retrato" dela, olha como ficou.

Agora é sua vez:

Figura 45 - Verso do Jornal

OUTUBRO DE 2025

1ª edição | Mariana - MG

NO TERRAÇO DE CASA: MUSEU MINAS GOGÔ PROTEGE HISTÓRIA LOCAL

Você sabia que existe um museu no Morro Santana? O bairro, que é conhecido como "Gogô", guarda o "Museu Minas Gogô", inaugurado pelo morador e historiador Eduardo Campos (54), em 16 de junho de 2021. O espaço foi criado com o intuito de preservar e contar a história de um importante espaço da cidade de Mariana: o Sítio Arqueológico do Gogô. Um sítio arqueológico é qualquer local onde gerações passadas tenham deixado marcas da sua passagem ou permanência, como ossos, objetos, marcas de fogueiras e construções.



O QUE EU PODERIA FAZER? EU JÁ TINHA UM PRESEPIO DO MORRO. TINHA ALGUMAS PEÇAS QUE ACHEI AQUI. DAVA PARA MONTAR UM MUSEU. EU CONVERSAVA COM O MORRO E ELE ME DAVA A RESPOSTA. CONTA.

Desde então, em sua própria casa e gratuitamente, Eduardo recebe e conta, para visitantes de diversos locais, a história do Morro Santana. Se você deseja saber mais dessa história, peça ajuda a um adulto para agendar uma visita, em: (31) 98875-0892 ou museuminasgogo@gmail.com.



NINHO DE HISTÓRIAS

POB: CECILIA PEREIRA E GABRIEL DO CARMO

ERA UMA VEZ UMA VACA AMARELA. CERTO DIA, ELA PULOU A JANELA E QUEM FALOU PRIMEIRO COMEU A BOSTA DELA!

MAS VOCÊ NUNCA SE PERGUNTOU ONDE A VACA AMARELA FOI PARAR? SERÁ QUE ELA FOI PARAR LÁ NO PARÁ COM O INTUITO DE FAZER UM CHÁ?

SE VOCÊ QUER SABER ONDE ELA ESTÁ, BASTA LER O LIVRO "POR ONDE ANDAVA A VACA AMARELA?", ESCRITO POR ADRIANO BITARÃES NETTO E ILUSTRADO POR MARLETTTE MENEZES.



UM JORNAL DE CRIANÇA PARA CRIANÇA



Esse jornal foi realizado como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo pela estudante Isabela Jorge, da Universidade Federal de Ouro Preto, em Mariana - Minas Gerais.

Mas ele é muito mais que isso: o **Jornal Maritaca** é um projeto colaborativo, construído junto com estudantes do 5º ano da Escola Cônego Paulo Dilácio, no bairro Morro Santana. Através de suas vivências e olhares curiosos, as crianças deram vida a um jornal infantil, feito verdadeiramente com e para crianças, especialmente para as crianças marianenses.

Com dedicação e entusiasmo, eles escolheram as pautas locais, entrevistaram, escreveram e editaram o material que agora chega até você! Esperamos que esse seja o primeiro de muitos voos do **Jornal Maritaca**. Venha voar com a gente!

Ademais, existem dois pontos que devem ser destacados: o primeiro deles é a obrigatoriedade em respeitar o limite de espaço existente no jornal, seja ele de uma ou dez páginas. Obedecendo a proposta editorial, é necessário selecionar bem o material que irá entrar ou não. Por isso, é importante que haja outras edições que contemplem assuntos ainda mais diversos e plurais. O segundo ponto é a necessidade de outros jornalistas ou estudantes de jornalismo integrarem projetos como esse, pois, durante o processo, foi evidente a dificuldade de apenas uma pessoa executar funções que são distribuídas entre outros profissionais em uma redação e, por isso, foi preciso recorrer a ajudas externas. Além disso, o engajamento de jornalistas na produção de um jornalismo infantojuvenil fortalece esse setor, possibilita o desenvolvimento de conteúdos de maior qualidade e que de fato atendam os interesses das crianças e adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um jornal com a colaboração de crianças pode ser surpreendente. Desde a primeira vez que vi a turma do 5º ano (na época estavam no 4º), soube que seriam meninas e meninos especiais. Cada um, com sua particularidade e jeito único de ser contribuiu para que o *Maritaca* saísse do papel, ou melhor, virasse papel. Em algumas oficinas estavam mais animados e curiosos e em outras, mais sonolentos e cansados, mas não perderam o brilho e a curiosidade em aprender algo novo. A surpresa em questão estava sempre em encontrá-los diferentes da última vez que nos vimos, pois, em cada oficina eu pude conhecer um pouco mais sobre eles e eles um pouco mais sobre mim.

Durante um ano, os vi crescer em estatura e em conhecimento. No início, tinham aqueles mais retraídos, mas que logo perderam a vergonha ou o medo. Acredito que aos poucos pude ganhar a confiança deles. Nesse processo, foi necessário ouvir com muita atenção o que eles tinham a dizer, mas ouvir 23 crianças, praticamente ao mesmo tempo, não é nada fácil. Deixo aqui a minha admiração e respeito às professoras e professores do nosso País que trabalham diariamente em salas de aula lotadas.

Sinto que a parte mais difícil desse trabalho foi a responsabilidade em transmitir o que de fato fosse de interesse das crianças, em respeitar os seus desejos e expressões sem comprometer padrões e técnicas do jornalismo. Essa dificuldade, possivelmente, seria menor se tivéssemos a possibilidade de utilizar computadores nas escolas, se fossem realizados mais encontros e contássemos com o auxílio de mais jornalistas durante as oficinas. Essas questões só foram observadas após a finalização das oficinas e, ainda assim, estariam fora do nosso alcance para serem solucionadas.

Acredito que dentro das possibilidades que tínhamos de recurso e estrutura, fizemos um bom trabalho e através das respostas que apresentaram no questionário, os alunos também ficaram satisfeitos com o resultado do jornal. Mas, sobretudo, é importante ter cuidado com as expectativas que colocamos nos outros, especialmente nas crianças. Confesso que, na última oficina, acreditava que iriam relatar que, agora, têm mais interesse por notícias ou que gostam mais de jornais, mas essa não é a percepção de todos eles. Na realidade, muitas crianças responderam que continuam descontentes com os jornais, pois nunca gostaram de notícias ou porque a família não as consome. Me surpreendi com as respostas, mas me surpreendi ainda mais comigo mesma, por mesmo depois de todo o processo e leitura, estava reproduzindo um

comportamento que vai na contramão de um jornalismo que defendo — disposto a ouvir as crianças. Por outro lado, fiquei aliviada em ver suas respostas honestas, por de fato transmitirem o que pensam e por se sentirem confortáveis em fazer isso.

Nesse processo, enxerguei muitas vezes a minha criança interior, que vibrou em cada etapa, se identificou com o jeito curioso das crianças e certamente gostaria de ter feito um jornal quando ainda era pequena. Este trabalho revela que não é fácil fazer um jornal com e para crianças — por isso, muitos profissionais e pesquisadores optam por caminhos mais fáceis — mas vale a pena. Ouvir, dialogar e representar as crianças é um compromisso com o passado, presente e futuro. É a possibilidade de que pelo menos uma delas sairá diferente de como começou, é lutar por um jornalismo mais inclusivo e plural, mas principalmente, lutar por uma sociedade disposta a ouvir e enxergar verdadeiramente as crianças. Sinto-me realizada com o trabalho e em poder mudar, ainda que um pouco, o rumo do jornalismo.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. **Glossário - Menor**. Disponível em: <<https://andi.org.br/glossario/menor/>>. Acesso em: 04 fev. 2025.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. (trad. Dora Flaksman) 2ª ed. Rio de Janeiro, 1986.

BARBOSA, Karina Gomes. **Groth e Lampião: jornalismo laboratorial impresso e a ciência dos jornais**. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v. 12, n. 1, p. 178-197, 2016. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufop.br/server/api/core/bitstreams/3be76819-a729-41ad-b665-2d40a8712296/content>>. Acesso em: 25 mar. 2025.

BRASIL. Coordenação-Geral de Educação Midiática Departamento de Direitos na Rede e Educação Midiática Secretaria de Políticas Digitais; Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Estratégia Brasileira de Educação Midiática**. Brasília, 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, 1998.

BRITO, André; PEREIRA, Heloísa; NEVES, Mariana; KELL, Melyssa; PAIVA, Sabrina; BIASON, Suelen. **Quebra[da] Visão**. Disponível em: <https://online.fliphtml5.com/ayzsm/uime/?fbclid=PAVERFWANE7R1leHRuA2FlbQIxMQABp32jcXC_pDxLJbb_15kSbOFDuFcFRFuCOTJpOYkA_dCGDtMXzFlwNNcFQL8n_aem_5KsacNC9bHzjdCcNf06gJg#p=2>. Acesso em: 05 jun. 2025

BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela Educação Midiática**. 1ª edição. Edições Sesc SP, São Paulo, 2023.

DESINSTITUTE. Notícias e publicações - **Declaração Universal dos Direitos Humanos: como surgiu e o que propõe?**. Disponível em: <<https://desinstitute.org.br/>>. Acesso em: 16 mar. 2025.

DORETTO, Juliana. **Pequeno leitor de papel**. Alameda Casa Editorial, São Paulo, 2013.

DORETTO, Juliana. **A participação das crianças no jornalismo infantojuvenil português e brasileiro**. *Revista FAMECOS*, 25(1), ID27327, 2018. Disponível em: <<https://pucrs.emnuvens.com.br/revistafamecos/article/view/27327>> . Acesso em: 20 mar. 2025

DORETTO, J.; FURTADO, T. A “invasão” das crianças no discurso jornalístico: a representação não desejada da infância. *E-Compós*, v. 21, n. 2, 2018.

EDUCAMÍDIA – INSTITUTO PALAVRA ABERTA. Para Escolas - Habilidades. Disponível em: <<https://educamidia.org.br/>>. Acesso em: 16 mar. 2025.

FERREIRA, A. C., & DORETTO, J. (2024). **O que Perguntam as Crianças-Repórteres? Visões de Mundo e Participação no Jornalismo Infantojuvenil.** *Media & Jornalismo*, 24(45), e4511.

FORBES. **TikTok é a marca de rede social mais valiosa do mundo em 2023.** Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-money/2023/01/tiktok-e-a-marca-de-rede-social-mais-valiosas-do-mundo-em-2023/>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

FURTADO, Thaís; DORETTO, J. **Criança cidadã?: os manuais de redação e as orientações sobre infância e adolescência.** *Mídia e Cotidiano*, v. 14, n. 1, p. 32-54, 2020.

FURTADO, Thaís; DORETTO, J. **O “menino negro” da foto: a produção de sentidos nos comentários dos leitores do El País.** In: *Pesquisa em Jornalismo Brasileiro*, v. 15, n. 1, Brasília, 2019. p. 152-179.

FURTADO, Thaís; REGINATO, Gisele; FONTANIVE, Stéfani. **O outro silenciado: perfis de crianças na revista *piauí*.** In: *Anais do 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*, 2023, Brasília. Anais eletrônicos..., Galoá, 2023.

GIGANTES. **Ediciones.** Disponível em: <<https://gigantes.uy/categorias/ediciones-gigantes/>>. Acesso em: 10 mar. 2025

G1. **Elon Musk e Twitter: a cronologia da primeira negociação até a compra da rede social.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/10/28/elon-musk-e-twitter-a-cronologia-da-primeira-negociacao-ate-a-compra-da-rede-social.ghtml>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

G1. **Entenda a escalada de tensão entre Musk e Moraes, que pode derrubar o X no Brasil.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/08/29/entenda-a-escalada-de-tensao-entre-musk-e-moraes-que-pode-derrubar-o-x-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

G1. **Minas Gerais tem média de 2,71 moradores por domicílio, diz Censo.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/06/28/minas-gerais-tem-media-de-271-moradores-por-domicilio-diz-censo.ghtml>>. Acesso em: 28 jan. 2025.

JORNAL JOCA. **Edições.** Disponível em: <<https://jornaljoca.com.br/>>. Acesso em: 27 set. 2025.

MINAS GERAIS. Ministério Público. **Laudo de Vistoria Sítio Arqueológico do Gogô.** Mariana: MPMG, 2007. Disponível em: <<https://www.calameo.com/read/00488888634fb06396a8>> Acesso em: 28 jan. 2026.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. E-book. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 07 maio 2025.

PLANALTO. Legislação - **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/legislacao/>>. Acesso em: 16 mar. 2025.

REUTERS INSTITUTE. Visão Geral - **Relatório de Notícias Digitais de 2025**. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2025/dnr-executive-summary>> . Acesso em: 21 nov 2025.

ROMERO, André; NARDI, Laura; Ardito Lucas; Buzzetti L. Felipe. **Libinha**. Disponível em: <<https://heyzine.com/flip-book/e1596cebb6.html#page/1>> Acesso em: 09 jun. 2025

SILVA, Carlos Eduardo da. **Como atrair os jovens para o jornal**. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 2009. Ombudsman. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsma/om1801200901.htm>> . Acesso em: 07 maio 2025.

UNESCO. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília, 2013.

YAHYA, Hanna. **Estadão e Folha puxam alta na circulação de jornais impressos**. *Poder360*, Brasília, 24 fev. 2025. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/poder-midia/estadao-e-folha-puxam-alta-na-circulacao-de-jornais-impressos/>> . Acesso em: 28 set. 2025.